

Cremos que a saída de Lima Barreto do jornal dirigido por Edmundo Bittencourt, deu-se em razão da postura militante do cronista, possivelmente cerceada pela direção do jornal, trazendo a ele menos oportunidades do que a outros colaboradores. O jornal se transformara em empresa jornalística, mudando de postura e o cronista não se adaptou a ela. De acordo com Brito Broca, o *Correio da Manhã* foi fundado em 1901 com orientação essencialmente polêmica de combate ao governo, tinha também grande abertura ao terreno das letras, sendo que todas as publicações nesse campo tinham a maior repercussão pela projeção da folha.²¹⁰ No entanto, como comenta Nelson Werneck, o *Correio da Manhã* era um:

*Veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes. Quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conclaves de gabinete; levantou sempre o protesto das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima. Através desse caminho, vindo de baixo, portanto, é que se transformou, e depressa, em empresa jornalística.*²¹¹

Talvez Barreto não conseguisse conceber como um jornal que chegou a ser instrumento da causa operária se tornara um instrumento do Estado. Já em 1906, aparece claramente a mudança de postura do jornal em relação aos seus primeiros anos, exemplificado na mensagem do prefeito Pereira Passos, publicada nas páginas do jornal: *É este um documento de grande valor, clara na sua linguagem, preciso nas suas abundantíssimas informações, detalhado na demonstração das medidas necessárias ao bom serviço da municipalidade e perfeitamente animador nas suas conclusões.*²¹² Nesse mesmo exemplar, há uma homenagem do jornal a Pereira Passos em razão do início da construção de casas nas zonas fabris. No jornal do dia seguinte, toda a primeira página era ocupada por uma mensagem de Pereira Passos.²¹³ Segundo Sidney Chalhou, o *Correio da Manhã*, na realidade, apóia abertamente a grande burguesia comercial nesta luta contra a pequena burguesia, olhando com bons olhos o suposto sopro

²¹⁰ BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004. pág. 294.

²¹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4º edição., Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999. pág. 286.

²¹² PASSOS, Pereira. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 04/04/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²¹³ *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 05/04/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

*civilizador trazido pelo sr. Pereira Passos.*²¹⁴

Fora isso, em 1906, o periódico diário trazia como a grande atração das suas folhas ilustradas, Coelho Neto, o “mandarim das letras” mais odiado por Barreto, por escrever uma literatura que considerava elitista. Enfim, Barreto não coadunava com a idéia do jornal que se queria fazer representante da camada popular e dos operários, buscava ser um veículo de livre acesso da prefeitura e que contava com colaborações de escritores que desconheciam e ignoravam, segundo julgava Barreto, a realidade do povo menos favorecido. Isso nos ajuda a entender melhor a saída de Barreto e sua ira contra o Jornal e seus membros.

Após deixar o *Correio da Manhã*, Lima Barreto não esboçou grande preocupação, na imprensa, com as reformas urbanas no Rio de Janeiro. Barreto praticamente abandonou o jornalismo – ou foi abandonado por ele – para se dedicar à produção de romances; seu alvo era ser lido e reconhecido pela sua produção propriamente literária. Todavia, sua revolta ainda era latente. Bem verdade que Lima Barreto fez outras duas tentativas no jornalismo. A primeira foi uma rápida passagem pela redação da revista humorística *Fon-Fon*, dirigida por Mário Pederneiras. Segundo Francisco Barbosa de Assis, Barreto não suportou por muito tempo a atitude de superioridade que os diretores e demais colaboradores assumiram para com ele, sendo assim essa tentativa foi mais uma *inutilidade do seu esforço de procurar o caminho da imprensa burguesa, para a sua iniciação na carreira de escritor. Submeter-se-ia a qualquer sacrifício, menos ao de transgredir com a mediocridade.*²¹⁵

Diante da não adaptação do cronista aos periódicos de maior circulação, voltados essencialmente para o mundanismo, ele cria a revista *Floreal* com o propósito puramente literário como um instrumento de divulgação de escritores, como ele, fora do círculo dos medalhões da época, do qual Olavo Bilac era um dos mais expressivos. A revista se extinguiu no quarto número, sem grande ressonância na imprensa, que sempre respondia às tentativas de Lima Barreto com o silêncio. Na revista *Floreal*, publicou parte da sua obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminnha*, ataques à imprensa empresa, representada pelo *Correio da Manhã*, e aos nomes vinculados a ela como Coelho Neto, João do Rio, Edmundo Bittencourt, entre outros, que eram elogiados por

²¹⁴ CHALHUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. pág. 138.

²¹⁵ BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. pág. 132.

todo país.

Outro livro que escreveu nessa época entre 1905 e 1909 foi *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, também na mesma linha do *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, contudo menos agressivo. Nessas obras, Barreto trata da cidade do Rio de Janeiro no seu aspecto urbano apenas como pano de fundo: rápida descrição de cenários para seu objetivo maior, que foi demonstrar a revolta com as injustiças que sofreu e a antipatia em relação aos intelectuais da “literatura oficial”.²¹⁶ Somente após *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, publicado em 1909 na cidade de Lisboa, que Lima Barreto passou a se dedicar intensamente à imprensa, e a direcionar suas críticas ao cotidiano carioca, especialmente aos aspectos mundanos presentes nas ruas e obras realizadas pelo projeto de modernização do Rio de Janeiro, que contrastavam e conviviam com o subúrbio. Enquanto isso, Olavo Bilac era o orador oficial da inauguração do Teatro Municipal e se lançava na campanha civilista.

O livro de Barreto foi concluído em 1908, publicado no ano seguinte apenas porque o autor cedeu gratuitamente seu manuscrito a uma editora de Portugal pelo simples prazer de vê-lo publicado.²¹⁷ Sua obra foi recebida como uma polêmica pela imprensa, como se ali estivesse exposto os bastidores da vida literária e jornalística que todos viam, comentavam, mas ninguém tinha coragem de denunciar e transformar em palavra escrita. Cremos que foi graças à repercussão do livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, que Lima Barreto pôde se consagrar no ofício de cronista e ter algumas portas de periódicos abertas.

Essa é, em nossa opinião, a explicação mais coerente que justifica e nos ajuda a entender a adesão de Lima Barreto ao jornalismo com todo vapor, a partir de 1911. Mas quais eram os periódicos em que ele foi bem recebido? Essa indagação é importante para se pensar de que forma Barreto, com uma obra agressiva como *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, inseriu-se veementemente na imprensa, já que seus ataques foram dirigidos, claramente, às principais personalidades da época, àqueles que controlavam os meios de publicação das principais folhas do Rio de Janeiro.

Lima Barreto ganha espaço e prestígio em periódicos humorísticos e em pequenos jornais estritamente de cunho político; enfim, periódicos que eram antípodas

²¹⁶ BARRETO, Lima. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.;
BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

²¹⁷ BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004. pág. 203.

da chamada grande imprensa, que faziam críticas à vida mundana e aos seus protagonistas: os grandes nomes da política e da literatura. Nesse sentido, Lima Barreto é reivindicado ao jornalismo justamente para fazer oposição aos conclave políticos e literários da elite carioca, que se manifestaram inclusive no aspecto urbano da cidade do Rio de Janeiro. Com sua ironia, revolta e talento, Barreto se apresentou como colaborador ideal para esse tipo de imprensa. Mais do que ter liberdade para escrever o que quisesse e liberdade de expressar seu pensamento, era a ousadia em denunciar, ridicularizar e escarnecer que os jornais, revistas e público alvo dos mesmos esperavam dele. Viam nele um cronista que escrevia sem se preocupar com julgamentos. Lima Barreto dizia a uma entrevista feita para o jornal *A Época*:

*Desde o meu Isaías Caminha que só trato de obedecer a regra do meu Taine: a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. É este o meu escopo. Vim para a literatura com todo o desinteresse e com toda a coragem. As letras são o fim da minha vida. Eu não peço delas senão aquilo que elas me podem dar: glória! Eu sou afilhado de N. S. da Glória. Não quero ser deputado, não quero ser senador, não quero ser nada, senão literato.*²¹⁸

“Dizer o que os simples fatos não dizem” essa parecia ser a intenção dos escritos de Lima Barreto, após suas fracassadas tentativas de se tornar conhecido através dos grandes jornais e revistas. Quem sabe, para Olavo Bilac, Lima Barreto era um *incompreendido*? Sobre os incompreendidos, Bilac afirmou em uma crônica: *ainda não conheci um incompreendido que não quebrasse lanças para alcançar celebridade: o ódio do vulgo ignaro, o horror da multidão profana, o desprezo do louvor popular, só vem depois, quando falha sem esperança a última tentativa da conquista (...).*²¹⁹ Incompreendido ou não nos termos de Olavo Bilac, o cronista Lima Barreto colocou sua pena à serviço da população menos favorecida, excluída social, cultural e economicamente. Como cronista, ele foi uma espécie de revolucionário das letras, que se voltou para o aspecto urbano. Nele, no urbano, estava expressa parte significativa dos motivos de protesto de Barreto: as dificuldades e problemas dos suburbanos, aos quais se dispôs a defender.

Nessa perspectiva, as ruas, arquitetura, hábitos, costumes, projetos progressistas

²¹⁸ BARRETO, Lima. apud. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. pág. 194.

²¹⁹ Bilac, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25/10/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

de reformulação da cidade, o ideal de modernidade e o sonho de grandeza do Rio de Janeiro aparecem como tema bastante recorrente nas suas crônicas a partir de 1911, momento em que se vivia sob novo alento: os melhoramentos iniciados no início do século por Pereira Passos, com a abertura da Avenida Central. O cronista transformou sua concepção de cidade em crônicas na *Gazeta da Tarde*, *Correio da Noite*, *Voz do Trabalhador*, no semanário político *A.B.C.*, *O Debate* e na famosa revista humorística *Careta*.

Olavo Bilac e Lima Barreto, de lugares diferentes, em veículos com propostas diferentes, com intenções quase sempre diversas, criaram concepções de cidades que queremos confrontar para entender melhor essa conexão entre cidade, crônicas e cronistas.

2.2 RIO DE JANEIRO ENTRE MORROS E AVENIDAS

Através da leitura que fizemos das crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac, observamos que, possivelmente, o lugar mais privilegiado para investigar os debates referentes às reformas no espaço urbano seja na fronteira entre a concepção de cidade que a reforma urbana desejou anular e a outra que se desejou construir. Esse espaço de fronteira, antes de tudo, é ponto de encontro, deve ser entendido como lugar de contato e não de separação ou isolamento. Nesse sentido, o Morro de Castelo e a Avenida Central apareceram nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac como pontos de partida para se discutir a cidade, no que se refere às mudanças que o Rio de Janeiro experimentava em diversos aspectos, inclusive o urbano.

As áreas da cidade do Rio de Janeiro que foram comentadas pelos cronistas praticamente se limitavam ao Morro do Castelo e à Avenida Central, descritas de maneiras distintas e tomadas como exemplo para fins diversos, dependendo das circunstâncias. Esses eram, certamente, os principais espaços em debate no início do século XX; afinal, foram esses os espaços nos quais se edificou a fronteira entre a cidade atrasada e a cidade civilizada e moderna, segundo os padrões do ideal de modernidade e seus defensores. O Morro do Castelo foi hegemonicamente tomado como o símbolo maior do passado colonial e a Avenida Central foi assumida como

ícone do progresso republicano. Estes símbolos refletiam, contudo, toda a cidade do Rio de Janeiro, nas suas contradições. A foto de Joaquim Martins Torres, retratando as demolições na encosta do Morro do Castelo, demonstra o contato entre o Morro e a Avenida percebido pelos cronistas.²²⁰



Ilustração 20 - Morro do Castelo. Rio de Janeiro, 1904. Joaquim Martins Torres.

Olavo Bilac, em uma de suas crônicas escritas para a *Gazeta de Notícias*, mostra-nos com clareza o contato entre o espaço do Morro e o espaço da Avenida, que o discurso dos cronistas, que eram aliados dos reformadores, insistia em separar, de modo a contrapor os ambientes. Podemos notar que o esforço para diferenciação já demonstra, entre outras coisas, o contato, as semelhanças e interferências mútuas entre o Morro do Castelo e a Avenida Central.

Nem vem a pêlo dizer o que me levava ao morro ancião... basta dizer que era dia de Finados ... Quando me vi no alto, defronte da velha igreja de Santo Inácio, quase esquecera o que ia fazer. Aquele cenário melancólico, - o céu feio, os edifícios arruinados, como roídos de lepra – tudo aquilo me empolgou a alma: e fiquei parado, olhando tudo com um largo olhar de despedida, - porque tudo aquilo

²²⁰ Apud. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

vai desaparecer.²²¹

Como podemos ver, Olavo Bilac, em sua crônica, afirmou ter feito uma visita ao Morro do Castelo. É importante lembrar que ele era, sem dúvida, um exemplo de homem civilizado e moderno a ser seguido, freqüentemente dava conselhos nos jornais em que escrevia sobre atitudes de civilidade, ou mesmo condenava atos não aceitáveis na alta sociedade burguesa.²²² Em sua visita, ele se coloca como alguém fora do seu ambiente natural, como alguém que não pertence ao lugar: era apenas um visitante ali de passagem. No alto do morro, lugar mais distante da cidade moderna e civilizada que se construía em sua encosta, foi o lugar escolhido por Bilac para demonstrar porque se identificava com a demolição. Os adjetivos utilizados pelo escritor para descrever o cenário clarifica a visão do cronista sobre o morro: “feio”, “melancólico”, “roídos de lepra”, “ancião”...

Ao afirmar que a razão de sua visita ao morro se deu por ocasião do dia dos finados, Bilac queria insinuar que ambientes como aquele morreriam com as reformas ou após elas. Todavia, esta concepção de cidade que Bilac gostaria de exterminar permaneceu viva e convivendo com a recém-nascida, ou ainda em gestação: permaneceu às sombras da “cidade moderna”.

Lima Barreto analisava o Morro do Castelo numa outra perspectiva. Ele não desprezava ou desvalorizava as coisas e o ambiente do morro, mas ironizava a intenção daqueles que desejavam destruí-lo:

A hipótese, pois, de existirem no morro do Castelo, sob as fundações do vasto e velho convento dos jesuítas, objetos de alto valor artístico, em ouro e em prata, além de moedas sem conta e uma grande biblioteca, tomou vulto em breve, provocando o faro arqueológico dos revolvedores de ruínas e a auri sacra fames de alguns capitalistas, que chegaram mesmo a se organizar em companhia, com o fim de explorar a empoeirada e úmida colchida dos Jesuítas. Sucessivas escavações foram levadas a efeito, sem êxito apreciável; um velho, residente em Santa Teresa, prestou-se a servir de guia aos bandeirantes da nova espécie, sem que de todo este insano trabalho rendesse afinal alguma coisa a mais que o pranto que derramaram os capitalistas pelo dinheiro despendido e o eco dos risos casquilhos de mofa (...) Estes fatos já estavam quase totalmente esquecidos, quando ontem novamente se voltou a atenção pública para o desgracioso

²²¹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²²² *Jornal da Exposição*. Rio de Janeiro, 14/09/1908.; *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 20/05/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*morro condenado a ruir em breve aos golpes da picareta demolidora dos construtores da Avenida. Anteontem, ao cair da noite, era grande a azáfama naquele trecho das obras. A turma de trabalhadores, em golpes isócronos brandiam os alviões contra o terreno multissecular, e a cada golpe, um bloco de terra negra se deslocava, indo rolar, desfazendo-se, pelo talude natural do terreno revolvido. Em certo momento, o trabalhador Nelson, ao descarregar com pulso forte a picareta sobre as últimas pedras de um alicerce, notou com surpresa que o terreno cedia, desobstruindo a entrada de uma vasta galeria. O trabalho foi suspenso a fim de que se dessem as providências convenientes em tão estranho caso; uma sentinela foi colocada à porta do subterrâneo que guarda uma grande fortuna ou uma enorme e secular pilhéria; e, como era natural, o Sr. Ministro da Fazenda, que já tem habituada a pituitária aos perfumes do dinheiro, lá compareceu, com o Dr. Frontin e outros engenheiros, a fim, talvez, de informar à curiosa comissão se achava aquilo com cheiro de casa-forte... O comparecimento de S. Exa., bem como a conferência que hoje se deve realizar entre o Dr. Frontin e o Dr. Lauro Muller, levam-nos a supor que nas altas camadas se acredita na existência de tesouros dos jesuítas no subterrâneo do morro do Castelo.*²²³

Lima Barreto trabalhou, em suas crônicas *O subterrâneo do Morro do Castelo*, com o lado histórico do morro como o lugar de origem da cidade e também com as lendas criadas em torno dele, que habitavam o imaginário dos cariocas. O cronista misturava tudo isso com sua ficção e ironia para acompanhar os trabalhos de demolição da histórica e lendária colina. De acordo com Glória Kok, o Morro do Castelo foi o primeiro núcleo urbano do Rio de Janeiro. Diante de uma planície limitada por morros e por uma série de mangues, brejos, lagoas e praias, lá foi o lugar escolhido por Mém de Sá para fundar a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que se expandiu a partir do final do século XVI em direção à planície. Naquele momento, a colina se apresentava como o lugar ideal por ser o ponto mais salubre e de melhor observação para a vigília e defesa da cidade recém-fundada contra as invasões francesas.²²⁴

Um outro fato histórico que marcou o Morro do Castelo como um monumento do passado colonial, que de acordo com Paulo César de Barros foi um capítulo marcante na história do Morro bem como do Rio de Janeiro, foi a expulsão da Ordem dos Jesuítas durante o governo de Marques de Pombal, no século XVIII. Essa página da história do Castelo foi responsável por suscitar muitas lendas na população. Dentre elas, a mais comentada era sobre os Tesouros que teriam sido enterrados nos seus também lendários

²²³ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. In. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29/04/2005. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²²⁴ KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 25.

subterrâneos durante o rápido despejo dessa Ordem. Paulo César de Barros nos chama a atenção de que essa lenda foi absorvida inclusive pelas classes dirigentes, ao ponto de que as possíveis riquezas lá encontradas serviriam como garantia às empresas que estivessem a serviço do desmante.²²⁵ Até mesmo Olavo Bilac escreveu sobre essa lenda em uma de suas crônicas publicadas na *Gazeta de Notícias*. Nela, o cronista descreve as discussões nas rodas informais de intelectuais, dentre eles João do Rio e Arthur Azevedo, que comentavam sobre arte, poesia, negócios, crônicas, intrigas, política e, numa ocasião, sobre a galeria subterrânea do Morro do Castelo, sem dúvida o assunto do momento, comentado tanto por Olavo Bilac na *Gazeta de Notícias*, como por Lima Barreto no *Correio da Manhã*.

Em sua crônica, Olavo Bilac afirmava que *Fantasio*, um de seus pares, havia encontrado a entrada para a galeria do subterrâneo do Morro e foi conferir o tesouro que ali estava. Disse ter visto as estátuas dos apóstolos em ouro maciço *com diademas de esmeraldas faiscantes*. Bilac encerra a crônica com as palavras de seu personagem, Fantasio, dizendo que tudo não passava de um sonho interrompido por um Senhor que lhe chamava para cobrar o aluguel há sete meses atrasado²²⁶, como se quisesse dizer que a preocupação em relação a demolição do morro não deveria ser voltada para as lendas e fantasias, mas para as preocupações reais e necessárias da vida, pois, na realidade, Fantasio era apenas um inquilino devedor que, no sonho, após ter encontrado o tesouro, pensou ser o poder, a riqueza e a força, comparando-se a Deus.

Como vimos, Lima Barreto chama os dirigentes da reforma urbana de *capitalistas* ou *bandeirante de nova espécie*, que fazem escavações, não necessariamente por metais e pedras preciosas, mas em busca de outras formas de riquezas. Analogia interessante de Barreto, que bem sabia que os interesses dos bandeirantes eram mais no apresamento de índios do que na busca de ouro. Os construtores, com suas picaretas demolidoras, são retratados como pessoas sedentas por poder e dinheiro, capazes de passar por cima de tudo e todos que se colocarem à frente do seu caminho. As imagens que Lima Barreto fazia dos construtores da Avenida Central nas suas crônicas são semelhantes às caricaturas de K. Lixto, publicadas na revista *O Malho*, revista carioca semanal que foi oposição às reformas do início do

²²⁵ BARROS, Paulo Cesar. Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro? Um pouco da história do Morro do Castelo. In. *Revista geo-paisagem*. Vol. 1, número 2, Julho/Dezembro de 2002.

²²⁶ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30/04/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

século, ironizando, em especial, o presidente Rodrigues Alves, o prefeito nomeado por ele, Francisco Pereira Passos, e os engenheiros que ocuparam postos estratégicos da administração pública como: Lauro Severiano Muller, ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, Francisco de Paula Bicalho, diretor técnico da Comissão das Obras do Porto do Rio de Janeiro, e André Gustavo Paulo Frontin, presidente da Comissão construtora da Avenida Central.²²⁷



Ilustração 21 - *O Malho*. Rio de Janeiro. 31/03/1903.

²²⁷ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág. 55-57.



Ilustração 22 - *O Malho*. Rio de Janeiro, 18/03/1905.

O Morro do Castelo, de monumento da história do Rio de Janeiro, foi transformado em obstáculo a ser destruído para o florescimento da futura cidade moderna. Inúmeros pareceres técnicos vinculados à medicina e à engenharia condenaram a colina, por, supostamente, não permitir a circulação dos ventos na área central da cidade e por ter uma arquitetura rudimentar e perigosa. Com tais pareceres, foram realizados cortes no morro, a partir de 1904, para a abertura da avenida e para a edificação da Biblioteca Nacional, Museu Nacional de Belas Artes e do Supremo Tribunal Federal. Segundo Myriam Bahia Lopes, os laudos médicos atribuíam aos morros e aos modos de vida daquele lugar responsabilidade pela propagação de epidemias que assolavam a cidade, mas principalmente alegavam que o Morro manchava a imagem do Rio de Janeiro no exterior, devido ao medo que os estrangeiros tinham de se contaminar ao visitar a Capital Federal. Ela afirma que *A destruição dos morros no centro da cidade e o alargamento das ruas são justificados pela necessidade de aeração do espaço urbano.*²²⁸

²²⁸ LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000. pág. 43.

O Morro do Castelo, assim como o de São Bento, situava-se na área central da cidade, os cronistas demonstraram que esta era uma zona de fronteira, trazendo à baila suas tensões e confrontos. Olavo Bilac dizia:

*A garoa aumentava, alguns cães, tiritando, magros, de cauda encolhida, farejavam a grama. Uma preta velha, de carapinha alva, veio recolher à pressa uma roupa estrangalhada que estendera junto ao muro do colégio (...) fui ao meu destino, - enveredando pelo labirinto de ruas em declive, esburacadas, entre ruas cambaleantes e tortas. A cada passo, um rápido olhar, lançado através de uma porta, vinha revelar-me aspectos novos de uma vida de trabalho e miséria. Pátios de estalagens, inundados de água de sabão; quintais cheios de crianças nuas e sujas rolando no chão, entre galinhas arrepiadas; oficinas escuras em que trabalhavam homens calados, cosendo sapatos, soldando caçarolas rebentadas, martelando tábuas, casebres imundos, onde madraços dormiam, sobre esteiras negras, de boca aberta, cozinhando a aguardente; poiais em que se estatelavam, numa modorra vaga, mulheres maltrapilhas, fitando as pedras da rua com um olhar idiota; quitandas repugnantes, botequins tresandando a cachaça e suor, tascas de onde saía um bafo asqueroso de gordura e de azeite queimado... Eram, a cinco minutos da Avenida, uma terra e uma gente de outra raça, de outra época, de outra civilização. E, àquela hora em que os cemitérios da cidade se enchiam de visitantes, eu tinha a sensação de estar visitando também um cemitério, - um cemitério de vivos.*²²⁹

Toda essa paisagem descrita por Olavo Bilac concorria com a Avenida Central. É interessante ressaltar que a crônica foi publicada a dez dias da inauguração das obras do imenso bulevar, *que cortava as construções colônias da cidade velha*²³⁰; o que aconteceu no dia 15 de novembro, exatamente no aniversário da proclamação da República. Um dos maiores entusiastas da nova cidade identificava os aspectos da cidade velha: a *terra e gente de outra raça, época e civilização* não estava apenas no morro, ela estava também na nova, larga e espaçosa rua inaugurada. A referência do cronista é sempre o miolo reformado, é a partir dele que ele faz suas análises e julgamentos. Nesse sentido, o morro é descrito de uma forma que justifica sua destruição, ligando-se ao discurso dos dirigentes.

Olavo Bilac anda pelas ruas estreitas e tortas com os olhos voltados para os símbolos do progresso. Suas palavras escritas querem fazer crer em um Rio totalmente civilizado e moderno em breve. Para ele, o morro era palco de um cenário caótico e

²²⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²³⁰ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág. 58.

atribui essa não inserção do morro ao que é moderno à população e não aos engenheiros sanitaristas. Espaços como Morro do Castelo assumiam novo sentido, novo significado frente à construção da desejada cidade ideal; tanto que Bilac afirma que a vida de trabalho e miséria ganha novos aspectos, se observados pela ótica da Avenida Central. Tudo e todos que não acompanhavam os símbolos do progresso e seu rápido ritmo de mudanças foram designados pelo cronista como inapropriados, antiquados, fora do lugar e do tempo.

A Avenida Central ganha outro sentido nas crônicas de Lima Barreto, bem como o Morro do Castelo, pois suas crônicas não têm como foco a mudança de ambiente, mas os problemas causados por ela. Seus comentários são carregados de ceticismo, não se deixam seduzir pela concepção de cidade moderna, pois Barreto entendia que essa maneira de perceber a reforma urbana camuflaria os danos e prejuízos da população pobre em defesa da qual ele julgava escrever. Lima Barreto escrevia:

Uma hora da tarde; o sol causticante ao alto e uma poeirada quente e sufocante na Avenida em construção; operários cantam e voz dolente, enquanto os músculos fortes puxam cabos, vibram picaretas, revolvem a areia e a cal das argamassas.

O trajeto pela Avenida, sob a canícula medonha, assusta-nos; um amigo penalizado, resolve-se a servir-nos de Cirineu e lá vamos os dois, satirizando os homens e as coisas, pelo caminho que conduz ao tesouro dos jesuítas ou à blage da lenda.

Estacamos para indagar de um grupo de trabalhadores onde podíamos encontrar o Dr. Dutra.

-Patrão, não sabemos; nós trabalhamos no teatro.

Não eram atores, está visto; simples operários, colaboradores anônimos nas glórias futuras da ribalta municipal.

Mais alguns passos e aos nossos surge a mole argilosa do Castelo: um grande talho no ventre arroxado da montanha nos faz adivinhar a entrada do famoso subterrâneo.

*Limitando uma larga extensão, há, em torno ao local de tantas esperanças, uma cerca de arame, barreira à curiosidade pública que ameaçava atrapalhar a marcha dos trabalhos.*²³¹

O cronista percorre a Avenida Central em plena obra, andando pelo espaço alargado da rua, ou em processo de alargamento; procura pelo Morro do Castelo, para lá está voltada sua atenção; faz questão de demonstrar que, por mais incrível que pareça, é percorrendo a sonhada Avenida que se chega até o Morro, como se houvesse um tapete

²³¹ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. In. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 29/04/2005. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

estendido que o levasse até o lugar realmente importante. Podemos observar que a descrição que Lima Barreto faz da Avenida é absolutamente diferente daquelas que estavam integradas ao projeto modernista. Começamos pelos aspectos que saltavam aos olhos de todos, e que ele faz questão de não citar, como: as novas edificações não são mencionadas, pelo menos não como observadas por ele, também não menciona o alargamento da rua, a velocidade do trabalho, o encantamento das pessoas, entre outros aspectos comumente comentados. Não há, na crônica de Lima Barreto, demonstração de encantamento ou admiração pelo que estava sendo feito; pelo contrário, há insatisfação, indignação e tristeza.

Enquanto Olavo Bilac parecia fazer coro com os responsáveis pela reformulação urbana do Rio de Janeiro, Lima Barreto se coloca do lado dos penalizados por ela. A visão que Lima Barreto nos apresenta da Avenida é, como ele mesmo afirma, assustadora, um lugar de destruição e mal-estar: *sol causticante, canícula medonha, poeira quente e sufocante*. Ele não atribui importância ao que estava em construção, ou seja, ao resultado final de todo aquele cenário, como se o fim da obra fosse mesmo encerrado em poeira e o calor excessivo. O cronista, ao afirmar que *operários cantam em voz dolente*, quis revelar que nem todos estavam entusiasmados com as transformações urbanas. O canto dolente dos operários nos remete ao canto dos escravos nas lavouras de café e cana de açúcar, parece uma forma de amenizar a dor e exaustão que sentem, pois certamente se sujeitavam às péssimas condições de trabalho. A velocidade da obra é demonstrada aqui pelo cansaço e fadiga do *operário descrente*²³² e não pela acelerada mudança de cenário.

O operário é apresentado por Lima Barreto como o principal responsável pela possibilidade de transformação no traçado urbano e, ao mesmo tempo, como o anônimo que não participará da glória que os construtores dirigentes já recebiam mesmo antes de concluídas as obras. A expressão “*anônimo nas glórias futuras*” pode ainda ter um outro sentido ainda mais perverso do que o primeiro, qual seja: a exclusão do operário na obra que ele construiu, ou ainda ter sua moradia destruída pelas suas próprias mãos em razão do trabalho a que se dedicava. Todavia, o colaborador do jornal *Correio da Manhã* resistia ao anonimato desses operários, ao falar de um operário especificamente ele cita o nome, tentando não apenas atribuir importância e identidade ao mesmo, mas também uma tentativa de demonstrar proximidade e intimidade com a classe operária.

²³² BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. In. *Correio da Manhã*, 03/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

O Morro do Castelo de Lima Barreto não era como o de Olavo Bilac: para o segundo é um lugar de sujeira, precariedade, atraso e incivilidade; para o primeiro, um *local de tantas esperanças*. As esperanças bilaquianas não eram em torno da possibilidade de existência do tesouro dos jesuítas, mas de um lugar ao redor do qual, apesar das dificuldades, havia sonhos e expectativas de modernidade. A concepção de cidade dos cronistas dependia muito do lugar que ocupavam na sociedade, bem como do jornal em que colaboravam. São esses fatores, entre outros, que propiciaram formas tão diferentes de perceber e comentar os “fatos”.

Olavo Bilac, atento às polêmicas de sua época, ironiza o valor atribuído à *sagrada colina* como justificativa para sua permanência:

*Ali eu via a célula geradora da cidade, dali nascera, dali partira o Rio de Janeiro a minha urbs querida... o Morro do castelo é o relicário da nossa infância de povo. Agora tudo aquilo vai desaparecer: o morro está condenado. Não lhe hão de valer razões de respeito histórico ou religioso, nem razões de economia. A cidade moderna, cosmópolis soberana precisa daquele largo espaço que ainda é tomada pela cidade colonial. Os ossos de Estácio de Sá descerão dali, para outro sarcófago mais limpo. O marco da cidade descerá também, nada impedi que, depois de arrasado o Castelo, o padrão glorioso venha ocupar na planície, no centro de uma linda praça, a mesma situação que ali em cima ocupa. Todos aqueles paredões esfarelados de fortalezas e igrejas, todos aqueles casebres de vigamentos podres, toda aquela mole formidável de pedra e barro, tudo aquilo virá aterrar o nosso cais; e a tradição permanecerá intangível e eterna; os materiais da metrópole antiga virão servir a glória da metrópole moderna. O morro está condenado. Já se sumiu, da sua encosta, destruído pela expansão da Avenida, o velho Seminário. Dia a dia, as picaretas vão furando as entranhas da colina sagrada. O Progresso já lavrou e assinou a sentença de morte daquele imenso mausoléu em que jaz o nosso passado... a tarde caía (...) eu não podia, com os meus olhos, estabelecer um confronto entre esse transatlântico e as naus de Mem. Mas podia estabelecê-lo entre essa velha cidade que acabava de percorrer e a cidade moderna para a qual me vinha dirigindo, ao passo lento, pela ladeira íngreme.*²³³

O confronto entre a *cidade velha* e a *cidade nova* era inevitável. Bilac se colocou com um dos narradores desse confronto. Claramente em defesa da segunda, tendia para a vitória do *progresso*, que queria passar por cima da tradição, tida por ele como atraso. Havia uma disputa pelo espaço: usando os termos de Bilac, a *cidade nova* se viu bloqueada pela *cidade velha* e, esta, ameaçada pela tentativa de avanço da primeira. No

²³³ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 05/11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

entanto, tratava-se de um confronto não apenas de caráter urbano, mas também entre concepções e projetos de cidade, entre possibilidades distintas para o futuro do Rio de Janeiro, entre conservação e mudança, entre o que deve ou não deve ser lembrado. Como vimos, através de Lima Barreto, nem todos viam o subúrbio como sinônimo de desordem, atraso, barbárie, etc.

Segundo Renato Cordeiro Gomes, a demolição material dos prédios e de seus símbolos é fruto da disparidade entre os resquícios da cidade com a vida da metrópole. Nessa perspectiva, a cidade histórica é submetida ao não valor e sujeita à destruição a qualquer custo. A impressão que se tem, através das crônicas de Olavo Bilac, e talvez fosse isso o que se quis passar, é de que havia uma luta entre a cultura do progresso e a (in)cultura do atraso, quando na verdade o que houve foi um embate entre duas culturas, ou formas de pensar, uma cultura que destrói a outra por ser tida como oposta e como um obstáculo a ela.²³⁴

Lima Barreto diz que *a picareta demolidora foi a varinha mágica que tirou o encanto secular do morro, (...) onde a voz humana ecoa hoje, após três séculos de silêncio e paz, com o tom diabólico de profanação (...).*²³⁵ O cronista percebe que os donos do poder tentam provocar o desencanto da população em relação àquilo que querem extirpar e o encanto naquilo que desejam construir. Contudo, para que a picareta demolidora tivesse legitimidade para atuar, foi preciso que o jornalismo, por meio das suas diversas linguagens, ajudasse a escarnecer e a descaracterizar qualquer símbolo positivo do morro que pudesse interferir no trabalho de demolição. A *Gazeta de Notícias* é um exemplo de periódico que participou desse processo.²³⁶ A estratégia para implementação do plano de cidade ideal, sob o lema positivista da ordem e do progresso, passa pela idéia de encerrar um ciclo histórico e abrir outro. Construir a nova cidade sob a outra que foi destruída, por ser identificada como coisa do passado e conseqüentemente do atraso. Sendo assim, a cidade passa a ser avaliada sob os critérios do plano de cidade ideal.²³⁷

²³⁴ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 103-107.

²³⁵ BARRETO, Lima. O subterrâneo do morro do castelo. In. *Correio da Manhã*, 27/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²³⁶ Suplemento Ilustrado. In. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30/04/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²³⁷ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 116.



Ilustração 23 - Ilustração do suplemento ilustrado da *Gazeta de Notícias*, 30/04/1905. (Ele – Venho de ver o subterrâneo do Castello. / Ella – E que tal / Elle – Muito escuro não pude ver coisa alguma.)

Embora Olavo Bilac afirmasse a ruína da cidade velha que, com todo seu valor histórico, serviria, literalmente, de alicerce para a metrópole moderna, o contraste de paisagem na área central do Rio de Janeiro permaneceu por muitos anos, mesmo após a reforma encabeçada por Rodrigues Alves e Francisco Pereira Passos. A demolição total do Morro do Castelo só ocorreu na década de 1920, na administração de Carlos Sampaio, por ocasião da comemoração do primeiro centenário da independência do Brasil. Carlos Sampaio foi comparado com Pereira Passos devido às obras de saneamento e embelezamento que implementou na cidade e também por afundar a

prefeitura do Distrito Federal em dívidas.²³⁸ Observe-se as duas fotografias abaixo, tiradas por Augusto Malta em 1920²³⁹, que demonstra que o Morro do Castelo continuava evidenciando a precária condição de moradia da população, dentre outras coisas que o cronista Olavo Bilac, em 1905, sinalizava como sendo as características da *metrópole antiga*.



Ilustração 24 - Morro do Castelo, 31/08/1920. Foto de Augusto Malta.

²³⁸ NONATO, José Antonio e SANTOS, Nubia Melhem. *Era uma Vez o Morro do Castelo*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2000.

²³⁹ Apud. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.



Ilustração 25 - Morro do Castelo, 31/08/1920. Foto de Augusto Malta.

Enquanto as obras da avenida eram efetuadas na parte demolida do Morro, Lima Barreto seguia, como ele mesmo assegurou, *satirizando os homens e as coisas*, com sua série de crônicas sobre as polêmicas em torno da *montanha predestinada*.²⁴⁰ Ele dizia: *O homem já não se contenta em querer escalar o céu, quer também descer ao coração da terra e não poderá o morro do Castelo embarçar-lhe a ação. Há de rasgar-se, há de mostrar o labirinto de suas acidentadas galerias e há de espirrar para fora os milhões que vêm pulverizando numa digestão secular*.²⁴¹ O cronista se cerca de grande desconfiança em relação ao que ele concebe como um insaciável desejo de modernização a todo e qualquer custo. Sua concepção de cidade não revelava as supostas maravilhas e benefícios do Rio de Janeiro; Lima Barreto demonstrava as qualidades da cidade por um viés antagônico ao da Reforma. Havia na cidade uma

²⁴⁰ BARRETO, Lima. O subterrâneo do morro do castelo. In. *Correio da Manhã*, 02/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴¹ BARRETO, Lima. O subterrâneo do morro do castelo. In. *Correio da Manhã*, 03/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

polifonia de vozes: a de Barreto somava-se à de uma parcela da sociedade sofrida pelos efeitos de modernização e do “aburguesamento” da vida.

O desejo dos dirigentes de modernizar o Rio de Janeiro era ainda maior que os obstáculos que apareceram. Lima Barreto considerava que, para eles, não havia limites, nada lhes embarçava a ação. Não se tratava do Morro do Castelo em si, não era propriamente ele que o cronista se preocupou em defender, mas sim a população que lá habitava, também condenada juntamente com o morro. A geografia da cidade do Rio de Janeiro foi submetida a intervenções irreversíveis; vários morros sofreram com a atuação ordenada pelos construtores do grande símbolo urbano da modernidade. O Morro de São Bento foi parcialmente destruído a dinamite, o Morro do Senado foi todo demolido, entre outros.²⁴² O Morro do Castelo foi um dos mais comentados pela imprensa, porque além de ser o espaço onde nasceu a cidade, era local de residência de muitas famílias pobres. A demolição de uma de suas encostas fez com muitas casas fossem derrubadas. O próprio Olavo Bilac escreveu uma crônica sobre a destruição das residências do Castelo, comparando as habitações a um castelo de baralho em que uma carta segura a outra:

A mão travessa de uma das crianças sacode uma das cartas base, - e toda a construção maravilhosa vem abaixo, de roldão, amontoada em ruínas... A mesma coisa acontece nesta feia aglomeração de casas podres, que era nossa velha cidade. A primeira pedra deslocada deslocou todo conjunto. As primeiras casas demolidas deixaram ver o caruncho e o desmazelo das outras. E, como um sopro destruidor, ruas inteiras, bairros compactos aluíram. O vasto corpo da cidade parece o vulto de um cadáver exposto, em pedaços, sobre a mesa de um anfiteatro de anatomia, depois da dissecação: (...) a urbs de Mem de Sá, amputada, retalhada, expostejada, sangra poeira de barro e calça por todos os lados²⁴³.

Lima Barreto não concordava com a idéia de que várias famílias de imigrantes, operários, pobres, e muitos desempregados, tivessem que dar lugar para passar a Avenida.²⁴⁴ Ele enxergava nas transformações urbanas um modelo de modernidade que imprimia uma reforma egoísta e excludente, em que o desejo de poucos era realizado a custa do sacrifício de muitos. O famoso “bota-abaixo” desestruturou a vida de famílias que viviam no centro, pois tiveram suas habitações condenadas pelo ímpeto reformista.

²⁴² NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág. 60.

²⁴³ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/08/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴⁴ BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 1995.

Lima Barreto, nas páginas do *Correio da Manhã*, ironizou os responsáveis pela postura assumida pelos construtores da Avenida.

*Se o ouro ainda não refulgiu ao golpe explorador da picareta, um modesto som metálico já se fez ouvir, eriçando os cabelos dos novos bandeirantes e dando-lhes à espinha o frio solene das grandes ocasiões; som feio e inarmônico de ferro velho, contudo som animador que faz pregoar orquestrações de barras de ouro (...)*²⁴⁵

Misturando lenda, jornalismo, história e ficção, Lima Barreto constrói uma estória em torno da demolição da encosta do Morro do Castelo para demonstrar a ambição insaciável dos *novos bandeirantes*. Nesse sentido, ele afirma que durante as escavações, encontrou-se uma galeria feita pelos jesuítas, onde acharam um crucifixo de ouro e um candeeiro de ferro, apropriados respectivamente por Rodrigues Alves e Frontin assim que foram achados.²⁴⁶

Então o Sr. Rodrigues Alves ou o Dr. Frontin, numa terra em que todos são iguais, podem se apossar de objetos encontrados em terrenos do Estado e encontrados quando se faziam escavações por conta desse mesmo Estado?

*Se assim é, mandemos plantar batatas a tal igualdade, porque nenhum deles é melhor do que qualquer homem do povo, único pagante dos trabalhos feitos no morro do Castelo. Vamos lá, Sr. Rodrigues Alves e Dr. Frontin, entreguem ao Museu Nacional o que lhes não pertence: isto aqui não é, positivamente, a casa da mãe Joana.*²⁴⁷

Entendemos a ironia de Lima Barreto como uma crítica aos principais nomes da administração pública por não prezarem o bem comum, tornando a recém-implantada República um instrumento político a serviço meramente da elite, não concebendo, na prática, um dos lemas republicanos: o de que todos são iguais. Sendo assim, o cronista não acusa os construtores simplesmente de se apossarem dos supostos objetos encontrados, o crucifixo e o candeeiro, mas sim de destruir a moradia de muitas pessoas que ficaram sem ter para onde ir e os prédios históricos do morro, como o antigo Seminário dos Capuchinhos. Para Lima Barreto, eles se apropriaram do que era do povo

²⁴⁵ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 02/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴⁶ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 24/05/1905 - 28/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴⁷ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 28/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

em nome do Estado, para satisfazer suas vontades, sem se preocuparem com as reais necessidades dos *penalizados*.

O presidente da comissão construtora da Avenida Central, André Gustavo Paulo Frontin, foi, inclusive, comparado ao reconstrutor de Lisboa, Marques de Pombal: *O Sr. Frontin é o Marquês de Pombal na segunda encarnação! Esta frase, dita num tom firme e catedrático, na meia-luz de uma sala francamente iluminada, deu-nos calafrios à alma, já, de resto, habituada às surpreendentes coisas de que tem sido pródigo este encantado morro do Castelo.*²⁴⁸ A informação da encarnação de Marques de Pombal em Frontin, foi dada por Sr. Coelho, um jornalista que Lima Barreto denominou de oráculo, por saber também de coisas ocultas criticando também a imprensa-empresa, grande parte dela a serviço do Estado. Segundo Fania Fridman, por ordem de Marques de Pombal, em 1759, os Jesuítas foram expulsos e tiveram seus bens confiscados, transformados em patrimônio do Estado e vendidos em leilão.²⁴⁹ Sendo assim, a ironia do cronista revela sua indignação com a construção da Avenida Central e a postura assumida por Frontin em expulsar os moradores do subúrbio.

O desejo pelo espaço e a pressa em tê-lo, que conduziu o processo de destruição do morro, feito em nome da areação e higiene, gerou vários problemas, dentre eles a falta de moradia e a supervalorização dos imóveis na região central, que agravou consideravelmente a crise habitacional. Olavo Bilac, mesmo como o cronista do miolo reformado da cidade, por vezes invadiu o espaço onde Lima Barreto circulava e apontou alguns problemas causados pelo projeto de cidade que defendia. Em uma dessas ocasiões ele enfiou o dedo na ferida e falou sobre a crise de moradia. Claro que antes de comentar sobre isso na crônica, defendeu a derrubada das *casas anciãs* como algo necessário e urgente a ser feito, dizendo ser comum o sofrimento de todos inicialmente em função das lembranças e dos momentos vividos nas residências que resistiam à morte, mas que tudo ocorreria por uma causa nobre e justa.

Não sejamos, sincera e fingidamente, insensíveis. Interrompamos, por um momento, o coro de louvores justíssimo com que estamos saudando e exaltando a transformação da cidade, e reconheçamos que há no aspecto atual das nossas ruas uma tristeza, um ar de

²⁴⁸ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 07/05/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁴⁹ FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em Nome do Rei – Uma História Fundiária da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

*infelicidade, um tom de mágoa que devem merecer algumas palavras de compadecida simpatia. Ninguém mais do que eu aplaude essa obra de destruição, porque ninguém mais do que eu reconhece a sua necessidade (...)*²⁵⁰

Após a ressalva, Olavo Bilac segue:

Há ainda uma outra causa de melancolia e tristeza, nesta demolição de prédios: é a lembrança dos atropelos, das angústias, das aflições em que se vê a gente pobre, obrigada a mudar-se da noite para o dia. A mudar-se pra onde? Para onde levarão os pobres os seus trastes, modestos mas queridos, os tristes cacarecos que são toda a sua fortuna?

As casas que as picaretas estão demolindo, eram justamente as únicas em que, pela modicidade do aluguel, se podiam aboletar os trabalhadores. Em que ponto da cidade vai essa multidão procurar um teto, à cuja proteção confie os seus penates sagrados?

*Mas parece que ainda há hesitações... e fala-se em arrasar todo o morro do Castelo... Arrase-se o morro, que já há muitos anos devia ter sido arrasado! Mas, antes de arrasá-lo, digam-me, pelo amor de Deus, para onde se há de mudar toda a gente que o habita, - gente que é tão gente como nós, e que, como nós, tem o direito de possuir uma casa, um lar, uma família, e uma vida!*²⁵¹

Essa crônica de Olavo Bilac chamou-nos muito a atenção, principalmente porque o cronista assumiu uma posição, ainda que de forma ligeira, não comumente adotada por ele ao tratar do assunto. Poderíamos enumerar vários fatores para tentar explicar a razão da argumentação feita nesta crônica. Poderia ser pelo fato de um possível tumulto dos desabrigados se recusando a deixar o morro e a região central, tornando o fato impossível de não ser comentado; ou, ainda, em função de preocupações não pelos *penalizados* da reforma, mas em tirar rapidamente o aglomerado de pessoas pobres da região central antes da inauguração. Esse último fator que apontamos poderia ser facilmente justificado pela resposta que o próprio cronista deu às suas indagações como solução possível para o problema indicado, dizendo:

O local? Mas as duas margens do leito da estrada de ferro, pela imensa extensão da zona de subúrbios, podem abrigar uma infinita colméia humana. O dinheiro? – mas emita-se, cunhe-se, invente-se esse dinheiro sem hesitação! Esse dinheiro não será despejado à toa! Esse dinheiro frutificará em vidas, em trabalho, em civilização, em glória da nossa terra, em orgulho da nossa raça, - porque aniquilará

²⁵⁰ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/08/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁵¹ Idem.

*a tuberculose, a miséria, a fome, os crimes, todas as moléstias físicas e morais, todas as epidemias corporais e sociais que nos afligem e desonram!*²⁵²

No entanto, consideramos que a defesa de Bilac da população pobre do morro, expulsa pelo processo de modernização da cidade, não é uma argumentação irônica, nem mesmo um falso interesse, tendo por traz o desejo maior de tirá-los da avenida. Acreditamos que Olavo Bilac estava mesmo preocupado não apenas em solucionar a crise de moradia que afetava os menos favorecidos, mas também com outras adversidades como desemprego, insalubridade e a desfavorável condição de vida dos desabrigados. Cremos que sua argumentação não passa de uma estratégia para emocionar e convencer seus leitores a agir diante de tais necessidades. Para Bilac, talvez destoando um pouco do projeto dos dirigentes, a modernização da cidade passava não apenas por embelezar e higienizar o Rio de Janeiro, afastando os vizinhos indesejados do Morro do Castelo, mas por minimizar os contrastes sociais oferecendo melhor qualidade de vida aos pobres dando-lhes a possibilidade de se “civilizarem”.

Em 1921, a revista *Careta*, através de ilustração, denunciou a falta de moradia e aumento do preço dos imóveis, lembrando que esse foi o período em que o Morro do Castelo foi completamente demolido, já na administração de Campos Sales. Logo após a ilustração, a revista trazia uma crônica de Lima Barreto tratando do assunto. O próprio título já era uma provocação: “*O prefeito e o povo*”, como se tratassem de coisas absolutamente antagônicas, dois mundos diferenciados e afastados entre si, de maneira que o cronista, ironizando as ações do prefeito na dimensão urbana, não o reconhecia como o governante de sua cidade e representante do povo carioca. Barreto afirmava: *vê-se bem que a principal preocupação do atual governador do Rio de Janeiro é dividi-lo em duas cidades: uma será a européia e a outra, a indígena*²⁵³. Seguindo este raciocínio, Lima Barreto, questiona a grande atenção dada aos lugares “nobres” da cidade e o desleixo com o subúrbio, principalmente no aspecto relativo à moradia, contrastando a construção de prédios com os barracos existentes no local.

Municipalidade supõe-se, segundo a origem, um governo popular que cuide de atender, em primeiro lugar, ao interesse comum dos habitantes da cidade (comuna) e favorecer o mais possível a vida da

²⁵² Idem.

²⁵³ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro. 15/01/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

*gente pobre. Esses hotéis serão para ela? Pode-se, entretanto, admitir, a fim de justificar o amor do prefeito aos hotéis de luxo, que quer construir a custa de nossos magros cobres; pode-se admitir que, com isso Sua Excelência pretendia influir indiretamente no saneamento do morro da favela. Municipalidades de todo o mundo constroem casas populares; a nossa, construindo hotéis chics.*²⁵⁴

²⁵⁴ Idem.



UMA CASA A ALUGAR

— O aluguel é de quinhentos mil réis e para evitar desgostos eu digo logo: — as paredes são húmidas e as caixas d'agua estão vazias.
— Isso não importa. Nós dormimos nas caixas e bebemos nas paredes.

Escola de Aviação do Campo dos Affonsos



A visita do aviador argentino Hearne.

Ilustração 26 - Careta. Rio de Janeiro, 15/01/1921. (O aluguel é de quinhentos mil réis e para evitar desgostos eu digo logo: - as paredes são húmidas e as caixas d'agua estão vazias. / isso não importa. Nós dormimos nas caixas e bebemos nas paredes.)

O Prefeito e o Povo

O Sr. Dr. Carlos Sampaio é um excellenté prefeito, melhor do que elle só o senhor de Frontin. Eu sou habitante da cidade do Rio de Janeiro e, até, nella nasci; mas, apesar disso, não sirto quasi a acção administrativa de S. Ex.^a. Para mim, S. Ex.^a é um grande prefeito, não ha duvida alguma; mas de uma cidade da Zambezia ou da Conchichina.

Vê-se bem que a principal preocupação do actual governador do Rio de Janeiro é dividil-o em duas cidades: uma será a européa e a outra, a indigena.

E' isto que se faz ou se fez na India, na China, em Java, etc.; e em geral, nos paizes conquistados e habitados por gente mais ou menos amarelle ou negra. Senão, vejamos.

Todo o dia, pela manhã, quando vou dar o meu passeio philosophico e hygienico, pelos arredores da minha casa suburbana, tropeço nos caldeirões da rua principal da localidade de minha residencia, rua essa que foi calçada ha bem cincuenta annos, a pedregulhos respeitaveis.

Lembro-me dos silhares dos caminhos romanos e do asphalto com que a Prefeitura Municipal está cobrindo os areas desertos de Copacabana.

Porque será que ella não reserva um pouquinho dos seus cuidados para essa util rua das minhas visinhanças, que até é caminho de defuntos para o cemiterio de Inhaúma? Justos céos! Tem acontecido com estes cada coisa macabra! Nem vale a pena contar.

Penso que, nessa predilecção dos prefeitos por Copacabana, ha milonga; mas nada digo, porquanto tenho aconselhado aos meus visinhos proprietarios que a usem tambem.

Outro cuidado que me faz meditar sobre as singulares cogitações

do actual Prefeito, é a sua preocupação constar.te de Hoteis e Hospedarias.

No tempo em que o Sr. Calmon foi Ministro da Industria, quasi se creou uma Directoria Geral, na sua Secretaria, para tratar de Hoteis, Hospedarias, Albergues, Pouzos e Quilombos; actualmente, cogita-se na creação de um Ministerio de Festas, Bailes, Piqueniques, Funçonatas, Charangas e Football; mas essas creações são, ou serão, levadas a effeito pelo Governo Federal, cuja riqueza é illimitada e pode arcar com as despesas respectivas e bem empregadas na defeza da Patria.

A Prefeitura, a Municipalidade, porém, não tem, como elle, o privilegio de fazer dinheiro á vontade, donde se pode concluir que ella não poderá arcar com os pezados gastos de Hoteis luxuosos para hospedar grossos e medios visitantes illustres.

De resto, Municipalidade suppõe-se ser, segundo a origem, um governo popular que de attender, em primeiro lugar, ao interesse commum dos habitantes da cidade (communa) e fornecer o mais possivel a vida da gente pobre. Esses hoteis serão para ella?

Pode-se, entretanto, admitir, afim de justificar o amor do Prefeito aos hoteis de luxo, que quer construir á custa dos nossos magros cobres; pode-se admitir que, com isso, S. Ex.^a pretenda influir indirectamente no saneamento do morro da Favella.

Municipalidades de todo o mundo constroem casas populares; a nossa, construindo hoteis *chics*, espera que, á vista do exemplo, os habitantes da Favella e do Salgueiro modifiquem o estylo das suas barracas. Pode ser...

O Sr. Sampaio tambem tem se preocupado muito como plano de viação geral da cidade.

Quem quizer, pode ir commodamente de automovel da Avenida á Angra dos Reis, passando por Botafogo e Copacabana; mas, ninguém

será capaz de ir á cavallo do jacaré á Irajá.

Todos os seus esforços tendem para educação do povo nas coisas de luxo e gozo. A cidade e os seus habitantes, elle quer catitas. E' bom; mas a policia é que vai ter mais trabalho. Não havendo dinheiro em todas as algibeiras, os furtos, os roubos, as fraudes de toda a natureza hão de se multiplicar; e, só assim, uma grande parte dos cariocas terá «Gimbo» para custear os smartismos sampainos.

A recrudescencia do apparecimento de notas falsas está fornecendo um excellenté panno de annos-
tra.

Contudo, não é conveniente censurar o Dr. Sampaio por isso.

O Theatro Municipal é uma demonstração de como a Municipalidade pode educar o povo, muito a contento.

Construiu, ali, na Avenida, aquelle luxuoso edificio que nos está por mais de vinte mil contos.

Para se ir lá, regulamentarmente, um qualquer sujeito tem que gastar, só em vestuario, dinheiro que dá para elle viver e familia, durante mezes; as representações que lá se dão, são em linguas que só um reduzido numero de pessoas entende; entretanto, o Theatro Municipal, inclusive o seu porão pontme-yzado, está concorrendo fortemente para a educação dos escripturarios do Meyer, dos mestres de officina do Engenho de Dentro e dos soldados e lavadeiras da Favella.

Não se pode negar...

LIMA BARRETO

—□ OO □—

Fixando o seu subsidio em 3 contos por mez, os deputados praticam um acto de abnegação e patriotismo, em attenção ás condições precarias do paiz. Se fossem determinar o que juigam que vale o seu trabalho, marcariam dez contos por mez. — R.



SAIBAM TODOS !!!

Que a *Agua Branca Neval* é o Deus da Belleza, o amigo da pelle, o sonho das senhoras elegantes. E' um producto de tal valor que as senhoras edosas se transformam apresentando juventude e belleza. Em *Paris* não ha velhas porque se usa a *Agua Branca Neval*. Em pouco tempo a pelle adquire uma brancura de neve fazendo desaparecer as manchas, espinhas e todos os defeitos cutaneos.

Preço, 8\$000 pelo correio, 10\$000

Vende-se em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias. — Depósito geral:

CASA GASPAR—Praça Tiradentes, 18-RIO

Note que, na revista *Careta*, os dois mundos denominados por Barreto de Europeu e indígena estavam presentes, dividindo a mesma página. A fotografia de gente elegante divide espaço com uma ilustração sobre a realidade da gente pobre. Em outra página, a crônica de Barreto em apoio às necessidades da *comuna* e crítica ao governo, está acompanhada de um reclame voltado para a gente elegante, construído em sintonia com os signos da modernidade.

Anos antes, Bilac fazia tal denúncia em periódicos não conhecidos pelo tom humorístico. Em 1907, o cronista voltou a falar sobre o mesmo problema da habitação de forma ainda mais enfática e agressiva que na crônica de 1905, revelando que muito da sua euforia e entusiasmo do momento anterior havia se dissipado, levando-nos a crer que houve até mesmo certo desencantamento seu ou desilusão com os resultados de reurbanização da cidade do Rio de Janeiro. Na famosa e luxuosa revista *Kosmos*, comentou:

*Não há quem ignore que, com as demolições e reconstruções que o aformoseamento da cidade exigiu, houve no Rio uma verdadeira “crise de habitação”. O número de casas habitáveis diminuiu em geral, porque a reconstrução é morosa. Além disso, diminuiu especialmente, e de modo notável, o número de casas modestas, destinadas á moradia de gente pobre, porque, substituindo as ruas estreitas e humildes em que havia prédios pequenos e baratos, rasgaram-se ruas largas e suntuosas, em que se edificaram palacetes elegantes e caros. E que fizeram os proprietários dos casebres e dos cochicholos que as picaretas demolidoras pouparam? Viram na agonia da gente pobre uma boa fonte de renda, e aumentando o preço dos seus prédios. É uma crise completa e terrível (...) Deixemos de parte a ironia! A ironia é descabida, quando há sofrimento real dos que se queixam. A crise existe, e os que tudo podem, os que mandam e governam, os que tem dinheiro e força nada querem fazer em favor dos que não acham onde morar. Que há de fazer a gente pobre? Se ao menos essa gente pudesse morar ao ar livre, sob o teto piedoso do céu, sob o pálio misericordioso das estrelas!... transformar-se-iam a Avenida Central, a Avenida Beira Mar, o Campo de São Cristóvão, o Parque República, os terrenos acrescidos no Mangue, o largo do Paço, a Copacabana, a Tijuca, em imensos caravançarás descobertos, em vastos acampamentos (...) Mas a polícia é feroz: a lei manda considerar vagabundo todo indivíduo que não tem domicílio certo (...) conheceis porventura pessoa ou cousa mais atrozmente estúpida do que essa abominável entidade que se chama A Lei? Bem mais feliz que o homem é o caramujo, que já nasce com sua casa nas costas (...) sem pagar um vintém pelo aluguel por essa habitação confortável que a natureza lhe deu!*²⁵⁵

²⁵⁵ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 10/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Podemos dizer que as crônicas em que Olavo Bilac mudou o tom das suas análises são, no mínimo, surpreendentes por partirem de um nome famoso, conhecido por textos favoráveis às elites política e literária da sociedade, quase sempre voltadas aos signos do progresso e modernidade defendidos pelo projeto republicano. Nas crônicas, como esta, em que sai de sua tendência costumeira, Bilac parece aproximar-se muito das opiniões de Lima Barreto.

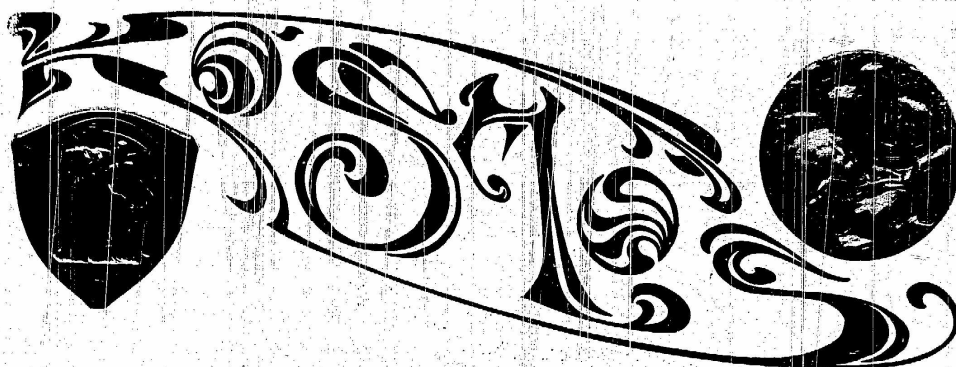
É interessante lembrar que Olavo Bilac escrevia para o jornal *Gazeta de Notícias* e para a revista *Kosmos*, periódicos que apoiavam as medidas governamentais, especialmente a *Kosmos*, revista direcionada à elite carioca que tinha total afinamento com a política de Pereira Passos, principalmente no que se referia à reestruturação da cidade. As críticas se repetiam com mais frequência na *Gazeta de Notícias* do que na revista *Kosmos*, provavelmente pela maior ligação da revista com o Estado²⁵⁶. Mesmo assim, de acordo com Antonio Dimas, era através dessa revista que Bilac “puxava as orelhas” do poder público e da burguesia carioca.²⁵⁷

Observe-se, na ilustração seguinte, que a crônica de Olavo Bilac ocupa a primeira página da revista *Kosmos* e que, logo acima do início da crônica em que ele aponta a falta de moradia como problema da reforma, aparece um informe da revista bem legível: *Não nos responsabilizamos pelas opiniões emitidas pelos nossos colaboradores*, como se a revista estivesse se eximindo de qualquer culpa das farpas lançadas pelo cronista. Acreditamos que, embora o cronista escrevesse quase sempre de acordo com a orientação da revista e dos seus responsáveis, diante do prestígio e reconhecimento que tinha, gozava de certa liberdade para, vez ou outra, contrariar essa tendência sem ter que sofrer retaliações.

²⁵⁶ *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 07/01/1900 – 25/10/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Kosmos. Rio de Janeiro, 03/1904 – 05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁵⁷ DIMAS, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. Pág. 144.



REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

Director-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ASSIGNATURA ANNUAL
INTERIOR. . . 20\$000 EXTERIOR. . . 25\$000
NUMERO AVULSO 2\$000 — ATRAZADO 3\$000

Redacção e Officinas
RUA DA ASSEMBLÉA, 62
RIO DE JANEIRO

ANNO IV

OUTUBRO 1907

N. 10

ENDEREÇO TELEGRAPHICO KÓSMOS-RIO — CAIXA DO CORREIO N. 1085

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

CRONICA



DESDE que ha homens na face da Terra, — as trez grandes causas de todos os soffrimentos, de todos os conflictos, de todas as guerras, de todos os crimes, têm sido : a casa, a comida e o amor.

Dessas trez cousas, ha uma que não tem a força das outras : a comida ; estomago faminto sempre se arranja bem ou mal, com fartura ou penuria, com indigestão ou jejum.

Mas a casa !... Mas o amor !... Essas são as duas molas reaes da existencia humana, as duas necessidades terriveis da nossa vida. E' raro, rarissimo, que a fome seja origem de crimes ; ao passo que por causa da propriedade de terras ou de casas, e por causa do amor, os tribunaes nunca tem mãos a medir, quer estejam occupados em decidir as pendencias e os litigios entre proprietarios ou entre amantes, quer estejam occupados em processar os réus de assassina-
tos causados pelo delirio da posse material ou

da posse amorosa. O tecto e o beijo ! — eis ahí os dois inimigos da tranquillidade humana !

Já os trogloditas, os homens-chimpanzés, e os primeiros lapões, e os primeiros esquimós, e os primeiros celtas, eram governados exclusivamente por essas duas necessidades. Para o homem primitivo, comer era um problema de solução facil : a caça era abundante, era farta a pesca, — e havia, na face da terra inculta e no seio das aguas bravias, carne demais para aplacar a exigencia do mais valido estomago. Mas o tecto e a mulher ! O que o homem primitivo, como o homem de hoje, defendia e prezava acima de tudo era o seu lar : a casa e a companhia. A casa era uma rude grota natural, ou uma caverna artificial cavada na rocha, ou uma construcção megalithica de penedos sobrepostos, ou uma cabana lacustre levantada á flor da agua sobre espeques de madeira tosca, ou um ninho aereo equilibrado no cimo de alta arvore frondosa : dentro dessa casa, vivia a Mulher, que devia ser nesse tempo uma grande macaca muito feia e muito cabelluda — mas que já era uma das preoccupações maximas, um dos maiores cuidados, uma das paixões supremas do homem.

Quem sabe esta postura de denunciar os males da reforma em defesa dos pobres seja um dos motivos pelos quais Lima Barreto evitava o ataque direto contra Olavo Bilac, contrariando sua tendência de criticar todos os nomes da literatura que se ligavam a ele ou pertenciam ao mesmo grupo como: João do Rio, Patrocínio Filho, Luiz Edmundo, Mario Cataruzza, Afrânio Peixoto, Coelho Neto, entre outros. O principal alvo de Lima Barreto, o escritor Coelho Neto, publicou junto com Olavo Bilac várias vezes ao longo de sua carreira como: *Sagres e a Terra fluminense* (1898), *Crítica e fantasia* (1904), *Poesias infantis* (1904), *Contos pátrios* (1904), *Teatro infantil* (1905), *A pátria brasileira* (1909).²⁵⁸ Se Olavo Bilac e Coelho Neto tinham tal ligação, por que então Bilac não foi também repudiado por Lima Barreto? Certamente porque, ainda que raramente, Olavo Bilac denunciava problemas da cidade, ironizava o modelo de vida da burguesia, criticava os grandes nomes da política, ou seja, exercia aquilo que Barreto concebia como a verdadeira função da literatura. Barreto chegou a pedir empenho a Olavo Bilac, muito influente nas editoras, para publicar seu romance mais polêmico,²⁵⁹ *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, outro indício da identificação entre os escritores ou, ao menos, do acesso que um buscava junto ao outro.

Voltemos ao assunto do Morro do Castelo com Lima Barreto, escritor que se empenhou em mostrar a segregação social e espacial na modernização excludente do Rio de Janeiro. Lima Barreto não enxergava com bons olhos as obras de reestruturação urbana, porque não se tratava de um projeto capaz de abranger toda a cidade. O cronista entendia que reformar o morro não fazia parte do projeto de modernização e progresso, de maneira que, para se criar o “Rio de Janeiro espetáculo”, seria necessário criar o “Rio de Janeiro vítima”; para se criar o “Rio de Janeiro do Progresso”, também teria que se criar o “Rio de Janeiro do atraso”, ou seja, cidades múltiplas e ao mesmo tempo concorrentes. O cronista argumenta, com traços ficcionais, que a Derrubada do Morro do Castelo foi um engano, pois se ganharia muito mais se tivesse investido nele, construindo novas habitações, ruas, calçamentos e restaurando os prédios de valor

²⁵⁸ Dimas, Antonio (org.). *Vossa insolência*: São Paulo: Cia das letras, 1996. (Coleção “Raízes do Brasil”, vol.6). pág. 25-26.

²⁵⁹ BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Lima Barreto: Correspondência ativa e passiva* (1º tomo). São Paulo: editora brasiliense, 1956.

Prova disso é o bilhete que Lima Barreto recebeu de Olavo Bilac em 1911:

Quarta feira, meio dia.

Meu caro L. Barreto.

Falei hoje ao Alves, que me disse: “em princípio, a coisa está feita; mas não pode ser feita já, senão daqui a alguns meses”. Insisti, mas em vão. Desculpe o fracasso da boa vontade do seu muito admirador.
Bilac.

histórico, enfim uma reforma com menos gastos e transtornos.

*Depois de muito tempo gasto e de sacrifícios feitos do maior valor, quando esperava o suplicante que as suas idéias e seus sacrifícios seriam recompensados, eis que o governo manda demolir o dito morro, e neste sentido se está procedendo a escavações, já se tendo achado duas galerias, aliás sem muita importância, por serem consideradas de defesa. Mas assim ir-se-á destruindo obras de arte de subido valor, além de ser inutilizado o melhor ponto estratégico da cidade, primitiva fundação de S. Sebastião, hoje do Rio de Janeiro, donde se poderia com pouca despesa reconstruir uma poderosa fortificação, sobre os alicerces da iniciada pelos jesuítas, que vem desde a base desse morro. Se o governo pretende com o arrasamento descobrir o tesouro que se supõe existir, o meio empregado não é decerto o mais próprio, porque levará mais de três anos para esse arrasamento, e só no fim desse prazo e de haver despendido muito dinheiro talvez poderá ser encontrado o esconderijo que servia de depósito aos referidos valores.*²⁶⁰

A lenda do tesouro dos jesuítas pode ser entendida como uma analogia feita por Lima Barreto com a suposta cidade moderna almejada pela burguesia, para dizer que, mesmo depois de tanto alarde e tumulto em torno da reforma urbana, a cidade desejada não se consumaria na prática, bem como não se encontrou o tesouro nas galerias do subterrâneo. Dessa maneira, a sensação de progresso e modernidade provocada pelas obras e discursos dos reformadores foi maior e mais vivenciada pelos cariocas do que a própria transformação em si. Conforme elucida Renato Cordeiro Gomes: as crônicas de Lima Barreto revelam as contradições entre a cidade planejada, que seria sem males, e a cidade real, que se desvia da norma arquitetada em nome da simetria e da ordem. Tais contradições aparecem cenarizadas na rua de que se procura apagar as marcas do passado.²⁶¹

O confronto entre o que se julgava atrasado e o que se julgava moderno, entre o centro urbano e o subúrbio, entre os signos do progresso e os signos da tradição, o lixo e o luxo, a cidade ideal e a cidade real, a cidade desejada e a cidade condenada, o Rio de Janeiro visível e o Rio de Janeiro invisível, faz pensar que esse período de transformações na cidade carioca, no início do século XX, teve muito de ilusão e

²⁶⁰ BARRETO, Lima. O subterrâneo do Morro do Castelo. *Correio da Manhã*, 01/06/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁶¹ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 161.

fachada.

2.3 CIDADE INVENTADA: O RIO DE JANEIRO DE FACHADA E ILUSÃO

As principais obras realizadas na administração de Francisco Pereira Passos foram: demolição de aproximadamente 600 casas, demolição de morros, abertura da Avenida Central, melhoramentos na região portuária, aterramento do Botafogo, Avenida Beira Mar e Flamengo, alargamento de algumas ruas como a rua da carioca, do Catete, 7 Setembro.²⁶² Sendo assim, podemos afirmar que não houve reformulação em todo o Rio de Janeiro, mas sim, intervenções pontuais feitas pelas autoridades governamentais no sentido de fazer da cidade um cartão de visitas do Brasil.

Grande parte dessas obras foram realizadas numa velocidade muito rápida para a época. A construção da Avenida Central, por exemplo, aconteceu entre 8 de março de 1904 e 15 de novembro de 1905. No dia 07 de setembro, a Avenida foi inaugurada. Ainda como uma comemoração pelo fim das demolições e no dia 15 de novembro de 1905, houve uma segunda inauguração, comemorando a conclusão da Avenida.²⁶³ Nesse curto espaço de tempo, foi construído o grande símbolo da modernidade, progresso e civilização: o centro comercial e financeiro do Rio de Janeiro.²⁶⁴ Sobre os pilares de remodelação, saneamento e embelezamento, legitimados pelos pareceres de médicos e engenheiros, o espaço urbano transformou-se abruptamente, criando o imenso monumento, com 1.800 metros de comprimento e 33 metros de largura, do “Rio de Janeiro espetáculo”. Bilac dizia:

Inaugurou-se a Avenida! Parece um sonho... onde estás tu metido, Carrancismo ignóbil, que por tanto tempo nos oprimiste e desonraste? Em que fuma lóbrega, em que socavão escuro te foste esconder envergonhado? Em vão te procurei, nestes últimos dias e nestas ultimas noites de novembro, pela radiante extensão da Avenida

²⁶² NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág 58-66. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

²⁶³ NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág 60.

²⁶⁴ KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 6

*formosa: não vi, em parte alguma, o teu olhar sinistro em que a má vontade reduz perpétua, a tua boca franzida num eterno riso de sarcasmo, a tua fronte envergada numa perene contenção de birra e malevolência... Andas, com certeza, homiziado nos becos sujos, em que se mantém ainda a tradição do mau gosto e da imundície: afugentou-se a luz da Avenida, horrorizou-te a alegria do povo, fulminou-te o despeito! Há menos de dois anos, no terceiro numero da Kosmos, esta crônica registrava o começo dos trabalhos grandiosos, agora coroados, num triunfo consolador, do mais completo êxito: Isso era escrito em março de 1904. Há vinte meses apenas! Onde se vai perdida a nossa fama de povo preguiçoso, amolentado pelo clima e pela educação, incapaz de longo esforço e de tenaz trabalho? Em que outro país do mundo se realizou jamais um igual prodígio de decisão e execução, uma igual maravilha de coragem e rapidez?*²⁶⁵

A crônica de Bilac revela bem a sensação de modernidade vivida pela população carioca, que parecia estar anestesiada com a movimentação em torno da remodelação urbana. A Avenida e as demais obras eram vistas como vitória definitiva sobre o estereótipo que criaram dos brasileiros: vitória sobre a preguiça, sobre a condição de povo parado no tempo, incapaz de acompanhar o progresso a que o ocidente se submetia. A cidade desejada estava pronta! Uma verdadeira avalanche de mudança tomou conta de uma restrita parte da cidade; cidade esta para quem se voltava toda atenção, de maneira que toda ela se resumiu à *radiante extensão da avenida famosa*.

Os comentários de Olavo Bilac tiveram a intenção de glorificar os feitos da administração governamental, retirando a atenção dos espaços de recusa e direcionando os olhares para o espaço sonhado. Antes mesmo do início das obras, a sensação de modernidade já havia tomado conta do cronista, que imaginava a Avenida acabada antes mesmo de ela começar a ser construída. Isso era uma demonstração do cronista aos seus leitores do aval, da total confiança que deveria ser depositada nos produtores do espaço, sustentando, assim, a legitimidade da ação dos mesmos. Veja-se com que euforia o cronista anuncia a criação da Avenida, como a realização de um sonho:

A Avenida... parece-me que a vejo acabada, ampla e formosa, com as suas árvores, os seus palácios, as suas lâmpadas elétricas, os seus refúgios, e cheia de uma multidão contente e limpa. Ainda não é realidade: mas já não é sonho. Já os mais incrédulos perderam a incredulidade; calaram-se os motejos, esfriaram-se os sarcasmos, apagaram-se os risinhos de mofa; e há por toda cidade um espanto. Como?! Daqui a poucos dias, o primeiro golpe da picareta (...) entoará a primeira nota do hino triunfal. E não teremos de viver

²⁶⁵ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

muito para ver terminada essa obra de salvação nacional; a limpeza, o arejamento, a regeneração da grande cidade operosa e honrada. É verdade, sim! A avenida já não é sonho: e o povo já compreendeu que só amam verdadeiramente aqueles que, em lugar de engabelá-lo com discursos, querem dar-lhe saúde e vida descente, dando-lhe uma capital moderna e esplêndida... para ver como o povo já se sente a extensão dos benefícios que lhes estão preparando o governo e a prefeitura, basta lembrar a alegria com que se celebrou, há poucos dias, a queda da última das cosinholas. Eu vi, com esses olhos que a terra há de comer, a alegria do povo, - alegria sincera e ruidosa, dessas que ninguém pode encomendar e pagar, e que são espontâneas e irresistíveis como os estos do mar e como as irradiações da luz do sol e espero ver, com estes mesmos olhos, dentro de pouco tempo, a alegria mais vasta e mais ardente com que toda a população há de saudar a inauguração da grande Avenida..²⁶⁶

A impressão que passa é que a Capital Federal não era mais a mesma e ainda não era outra: aparece então um intervalo entre as duas fases da vida urbana, mas de maneira tal que já estava mais que determinado no que ela se tornaria e o que ela não mais seria. Nesse sentido, o momento descrito por Olavo Bilac, é crucial para se entender a sensação da modernidade e a ilusão de que ela estava expressa na cidade como um todo, pois é nessa fase intermediária que os jornais e a sociedade parecem perceber, na cidade física de forma mais afluída, a cidade do desejo, naquele instante ainda invisível.

O Rio de Janeiro aparece, nas crônicas bilaquianas, como a cidade revolucionada ou em via de ser transformada pela ação de homens de coragem. Uma espécie de sucessão de imagens é criada para confirmar a seqüência das mudanças: primeiro a cidade colonial de antes; em seguida, a desestruturação e a desordem das intervenções e, enfim, a nova cidade criada sob a tutela dos governos federal e municipal. Essa sucessão de imagens forma o contexto ideal para sustentar a sensação e a ilusão de que a cidade sonhada foi construída. A avenida é qualificada pelo cronista como a obra de salvação nacional, de maneira que a larga rua correspondia à cidade, e a cidade valia pelo país. Como se pela avenida todo o país tivesse se inserido na modernidade, em harmonia com os paradigmas do progresso. O sonho do Rio como cidade moderna e civilizada equivalia à nação, à identidade desejada.

Esse cenário fez com que houvesse, indiscutivelmente, uma grande comoção pública em torno do empreendimento, o que deu a ele o *status* de projeto miraculoso, ou

²⁶⁶ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 06/12/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

seja, milagre da transformação. Mas não era para menos, todo um cenário foi desfeito no coração da cidade para reerguer outro. Mesmo que o projeto não incorporasse as massas, e fosse restrito ao miolo do rio, ele impressionou pelo tamanho e velocidade²⁶⁷. Uma larga faixa de área moderna rasgava a velha cidade de ruas estreitas, tortas e com arquitetura e hábitos considerados próprios do período colonial. Embora as obras fossem maiores no discurso que na reformulação em si, as imagens produzidas sobre a realidade nas páginas da imprensa, ligadas ao projeto, e nas crônicas de Olavo Bilac não eram falsas, eram, muitas vezes, ilusórias.



Ilustração 29 - O início dos trabalhos de abertura da Avenida Central. 1904. Fotografia de João Martins Torres.²⁶⁸

²⁶⁷ Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 19/11/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. NEEDLELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pág. 60.

²⁶⁸ Apud. KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 68.



Ilustração 30 - Avenida Central em fase de construção, 1905. Fotografia de João Martins Torres.²⁶⁹

As reformas, somadas aos avanços tecnológicos, contribuíram no sentido de mudar a percepção da cidade. Diante dessa combinação, houve também mudanças na percepção do espaço urbano. A imprensa escrita do período acompanhou de perto esse processo, fosse com críticas, elogios, ironias, entusiasmo, desaprovação, ou, mesmo, com um pouco de tudo, misturado em um único periódico. O jornalismo percebeu, acompanhou e participou do debate da cidade sobre si.

Já houve na, Avenida Central, a festa do levantamento de cinco ou seis cumeeiras de novos prédios. Ao longo da imensa artéria, rasgada no coração da cidade, vão pouco a pouco apontando, saindo do solo, crescendo, subindo, pompeando à luz, os palácios famosos. Aquilo que apenas parecia um sonho absurdo de megalomania, pouco a pouco se transforma numa radiante realidade... acabo de reler o que se escreveu, no primeiro número da Kosmos, há pouco mais de um ano. Dizia o cronista que a Kosmos acompanharia, de passo em passo, a transformação da cidade, assinalando todos os seus progressos, seguindo com interesse o seu lento evoluir para a regeneração higiênica. Esse propósito não pode ser de todo cumprido, porque o progresso foi muito mais rápido e muito mais completo do que era lícito esperar. (...) em um ano, a coragem e a

²⁶⁹ Idem.

*inteligência operaram milagres. A Avenida está cheia de prédios (...) palácios modernos capazes de honrar qualquer cidade civilizada. A Kosmos, que nasceu com a nova era da vida urbana, e que, por isso, queria ser um espelho fiel, onde de traço em traço se viesse refletir a história dessa era, já não pode cumprir o seu programa: em cada mês, a cidade progride um ano, e seria preciso, para que aquele programa fosse respeitado, que as páginas da revista fosse da primeira à última dedicadas exclusivamente ao registro desse progresso.*²⁷⁰

Através dos cronistas, podemos notar que a cidade do Rio de Janeiro como metrópole higiênica, limpa, civilizada já existia como representação simbólica, alimentada pelo desejo, mesmo antes dela existir como espaço físico real e acabado. A reforma produziu essa sensação, principalmente naqueles que habitavam e se beneficiaram com o restrito espaço aberto à modernidade, tomado por eles como o todo. O cronista Olavo Bilac, nesta crônica, não oferece uma visão que fosse globalizante do Rio de Janeiro ou que tentasse lê-lo ou fazer-se lê-lo como um todo. Apresenta apenas a fachada desejada, que assumia a configuração da cidade. A revista *Kosmo*, em sintonia com a nova vida urbana do desejo, como o *espelho fiel*, buscou refletir a imagem do Rio apenas pelo ângulo da fachada, grande e alta o suficiente para esconder ou desviar a atenção da cidade indesejada.

Lima Barreto denunciava tal postura, colocando suas crônicas como um espelho para mostrar além da fachada, numa tentativa de acabar com a ilusão vivenciada do Rio de Janeiro espetáculo. Renato Cordeiro Gomes elucida que no Rio de Janeiro se montou um palco, para a encenação de uma vida elegante na Capital Federal. Segundo o autor, Lima Barreto estaria posicionado:

*(...) nos bastidores desse palco arquitetado pelo poder, penetra a visão disfórica, marcada pelo traço crítico direcionado ao progresso, porque lê a cidade real. E vê o terrível ao lado do belo, o cômico somado ao trágico, a loucura em tensão com o lógico. Aqui se inscreve Lima Barreto que, embora queira e esteja no coração pulsante da cidade, denunciam as mazelas que resultam da metamorfose da vida carioca a caminho de cosmopolitismo identificado com o modelo parisiense. Sob o signo da desconfiança, mas rejeitando a nostalgia do campo, percebe a relação necessária entre modernidade e vida urbana. Coloca-se contudo, a margem da euforia ...*²⁷¹

²⁷⁰ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 02/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁷¹ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 115.

Lima Barreto mostra a cidade que se moderniza, mas que ainda convive com uma cidade colonial visível no traçado das ruas e nos costumes dos seus habitantes; que convive com a ausência de saneamento básico, ruas imundas e esburacadas e muita carência.

Não se abre um jornal, uma revista, uma magazine, atualmente, que não topemos logo como propostas de deslumbrantes e custosos melhoramentos e obras. São reformas suntuárias na cidade; coisas fantásticas e babilônicas, jardins de Semíramis, palácios de mil e uma noites e outras coisas semelhantes que eles propõe sejam feitas, no mais breve espaço de tempo possível. Houve um até que aventou a idéia do ministério da agricultura e prefeitura municipal construírem um prado de corridas no Leblon, visto gastar-se tanto dinheiro em coisa inútil. É claro que (...) se o artigo fosse assinado, o seu autor merecia ser lapidado pelos miseráveis e pobres que não tem um hospital para se tratar, pelos mendigos e estropiados que não possuem asilo onde se abrigar. A função primordial dos poderes públicos, sobretudo o municipal, para o incubador de semelhante idéia, é fornecer passatempos a quem os já tem de sobra. Nesse caminho, a prefeitura deve desapropriar as “montras” da Rua do Ouvidor e da Avenida, para ampliá-las, embelezá-las, de forma a poder aumentar o número de bonecas de cera, vestidas a capricho. Tudo delira e todos nós estamos atacados de megalomania. De quando em quando, dá-nos essa moléstia e nós nos esquecemos de obras vistas, de utilidade geral e social, para pensar só nesses arremedos parisienses, nessas fachadas e ilusões cenográficas. Não há casas, entretanto queremos arrasar o morro do castelo, tirando habitação de alguns milhares de pessoas. O mundo passa por tão profunda crise, e de tão variados aspectos, que só um cego não vê o que há nesses projetos de loucura, desafiando a miséria geral. (...) É caso de apelar para os ditados. Vão dous: cada louco com sua mania; sua alma, sua palma.²⁷²

Essa era a postura habitual de Lima Barreto, críticas a todos os lados, dessa forma, ele apresentava à população o cotidiano da cidade carioca. O objetivo primordial era dismantelar os projetos do Rio elegante, apreciados pela visão oficial, e mostrar o lado oposto da fachada sem a maquiagem, da ilusão alimentada pelo povo através do desejo. Suas apreciações caminham no sentido contrário da tendência geral das crônicas bilaquianas, a suntuosidade das obras realizadas no miolo da cidade é ridicularizada por ele por não atender às reais necessidades da sociedade. Lima Barreto percebia o Rio de Janeiro não pela ótica do desejo, mas, antes, pela lógica da necessidade.

Lima Barreto questiona ainda os termos comumente utilizados para tratar das

²⁷² BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 28/08/1920. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

intervenções no espaço urbano. O cronista tenta demonstrar que remodelação e melhoramento são termos que não correspondem às obras já concluídas e as que se queriam realizar, porque todas foram arquitetadas sob a ditadura do embelezamento, haja vista que o conjunto das obras não passava de *fachadas e ilusões cenográficas*. A imprensa estritamente relacionada às mudanças na cidade também foi alvo do cronista por se colocar a serviço da elite em prejuízo da população menos favorecida. A reforma do centro urbano do Rio de Janeiro aparece nas crônicas de Lima Barreto não pela sua grandiosidade e beleza, mas pelo que tem de descomedido e pelos problemas decorrentes dela.

Lima Barreto escreveu esta crônica em 1920, já distante das obras realizadas durante a administração de Francisco Pereira Passos, mas a tendência reformista sob os paradigmas do progresso não era propriamente de Passos, mas, acima de tudo, constituía um projeto republicano, daí as semelhanças entre a primeira onda de reformas e as obras encabeçadas pelo prefeito Carlos Sampaio. O próprio Lima Barreto não faz diferenciação entre elas e sempre se remeteu a elas como parte de um mesmo projeto, *projetos de loucura* de querer fazer do Rio de Janeiro o cartão postal do país. Tanto é que a Avenida Central continuou como o foco de debates, mesmo após ter passado a se chamar Avenida Rio Branco, em 1912, em homenagem ao falecido diplomata e ministro das Relações Exteriores de Rodrigues Alves, o barão do Rio Branco.²⁷³

Ainda em Lima Barreto:

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas. De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos. Uma arte tão ousada e quase tão perfeita, como é a engenharia, não deve julgar irresolvível tão simples problema. O Rio de Janeiro, da Avenida, dos squares, dos freios elétricos, não pode estar a mercê de chuvaradas, mais ou menos violentas, para viver a sua vida integral. Como está acontecendo atualmente, ele é função da chuva. Uma vergonha! Não sei nada de engenharia, mas, pelo que me dizem os entendidos, o problema não é tão difícil de resolver como parece fazerem constar os engenheiros municipais, procrastinando a solução da questão. O prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio. Infelizmente (...) nos preocupamos muito com os aspectos externos, com fachadas, e não com o que há essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira

²⁷³ Careta. Rio de Janeiro, 06/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 7.

Mais uma vez, o cronista denuncia o aspecto de fachada existente nas obras da cidade, usando a estratégia de apresentar os problemas que o Rio de Janeiro enfrentava mesmo após as inúmeras construções realizadas desde Pereira Passos no espaço urbano. O centro urbano é abordado como o centro da crônica, mas não como o lugar por excelência da cidade, é onde se concentra a principal causa das adversidades vividas pela população. A fachada exposta pelo cronista não tem o mesmo encantamento capaz de desviar a atenção das reais condições da vida urbana, ao contrário, ela é demonstrada despida de qualquer roupagem ilusória, que a caracterizasse como símbolo da inserção brasileira na nova era da vida urbana e moderna.

É interessante notar que Lima Barreto vai além das questões urbanas, alegando que, nos outros aspectos da vida carioca, também é priorizada a idéia de fachada. Sua acusação se dá porque ele considera que o Rio de Janeiro é dirigido, em quase todos os aspectos, pela elite burguesa, pouco preocupada com o essencial, centrada no que é supérfluo, direcionando o poder público em proveito próprio e em detrimento do bem comum. Para o cronista, a intenção do restrito grupo dirigente era criar imagens ilusórias e fachadas em todos os âmbitos da sociedade, uma vez que esse parecia ser o principal símbolo de uma boa administração pública.

As colocações de Lima Barreto seguiam a mesma tendência do jornal para o qual a crônica foi escrita. Na primeira página do Jornal *Correio da Noite*, ele escrevia suas impressões sobre as enchentes e, na terceira página, o jornal trazia notícias sobre os estragos causados por elas.

²⁷⁴ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 19/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*por que ia passar e também o meu amigo morto. O enterro seguiu e nunca vi carro que balançasse mais nas molas do que o meu. Fomos indo. Seguimos e eis-nos na Rua José Bonifácio, em Todos os Santos. Esta rua há vinte anos que foi calçada; e, desde essa longínqua data, seu calçamento não tem recebido o menos reparo. Os buracos nele são abismos e cocheiro de coche fúnebre, ao desviar-se de um bonde, caiu em um deles, o caixão foi ao chão, o cadáver saltou de dentro deste e o meu amigo, ainda mesmo depois de morto, ficou machucado.*²⁷⁵

Ao contrário do que afirma na crônica, o cronista era bom conhecedor dos subúrbios, principalmente do lugar citado, *Todos os Santos*, porque era onde ele residia.²⁷⁶ Nesse jogo de ficção e ironia, os subúrbios do Rio de Janeiro foram levados para as páginas dos periódicos como espaço esquecido pela municipalidade, como lugares que realmente careciam de melhoramentos. Note-se que Lima Barreto opta por uma experiência corriqueira e triste da vida urbana para mostrar que o dia-a-dia nos subúrbios era difícil: realidade nua e crua, sem ilusões, repleta de sofrimentos mesmo após a morte. Barreto indica que nas ruas dos subúrbios não havia condições suficientes para a vivência harmoniosa dos elementos da modernidade, talvez por isso não houvesse tanta adesão dos suburbanos aos novos conceitos de urbanidade característicos do centro. Faltava-lhes os requisitos básicos como, por exemplo, ruas bem calçadas para o melhor trânsito dos novos veículos. Dois símbolos modernos, o bonde e o automóvel, circulando num espaço fora dos padrões republicanos de modernidade, anunciavam um Rio de Janeiro longe de se tornar completamente integrado à modernidade e ao progresso.

Lima Barreto desejava conduzir seus leitores à percepção de que os resultados efetivamente obtidos com as reformas estavam muito aquém das imagens ou construções imaginárias criadas em torno delas. Nesse sentido, o cronista questiona o fato do cotidiano da cidade ser pautado e conduzido pelos conceitos da construção imaginária de civilidade e modernidade, restritos e aplicáveis apenas a pontos isolados da cidade, como a Avenida Central; uma vez que o espaço predominante no Rio de Janeiro não se enquadrava nos moldes do que os reformadores criam ser civilizado e moderno. Assim, o cronista lutava para contradizer as ilusões produzidas e reproduzidas

²⁷⁵ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 07/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁶ BARRETO, Lima. *Um longo sonho do futuro*: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993. pág. 267.

pela imprensa e poderes governamentais que tinham caráter de verdade. Ele rebateu um artigo escrito por Múcio da Paixão, no qual se dizia ser o Rio de Janeiro a menos brasileira das cidades:

*Pouca informação tenho do esforçado escritor campista, mas imagino que ele conhece muito mal o Rio de Janeiro, quando vem por aqui, adivinho, anda pela Rua do Ouvidor, Avenida, Praia de Botafogo, por todos esses lugares que as grandes cidades possuem para gáudio dos seus visitantes; mas o que constitui a alma, a substância da cidade, o Senhor Múcio não conhece e dá provas disso em sua afirmação.*²⁷⁷

Ao contrário de Olavo Bilac, Lima Barreto não aceitava a idéia do Rio de Janeiro ser compreendido unicamente pelo miolo da cidade, submetido aos melhoramentos do governo. Ele se opôs veementemente contra aqueles que consideravam, ou queriam considerar, que o Brasil fosse o Rio de Janeiro e que o Rio de Janeiro fosse as ruas embelezadas. Para Lima Barreto, a fachada e a ilusão criada em torno dela não representava o que era efetivamente a referida cidade. As modificações concretas do espaço urbano propiciaram a sensação de se viver numa metrópole moderna, legitimada pela crença e não pela autenticidade da configuração urbana da cidade. Para ele, esta sensação compunha uma modernidade forçada, alimentada por sonhos, fantasias e ilusões, e não pela realidade em si. Nessa perspectiva, o cronista escarnece a sociedade, produtora de fachadas e ilusões, que considerava a ilusão mais importante que o pão, ou seja, do que os elementos básicos para sobrevivência:

*A cartomancia entrou decididamente na vida nacional. Os anúncios dos jornais todos os dias proclamam aos quatro ventos as virtudes miríficas das pitonisas. Não tenho absolutamente nenhuma ojeriza pelas adivinhas; acho até que são bastantes úteis, pois mantêm e sustentam no nosso espírito essa coisa que é mais necessária à nossa vida que o próprio pão: a ilusão. O melhor, para o interesse dessa nossa pobre humanidade, sempre necessitada de ilusões, venham de onde vier, é que as nossas cartomantes vivam em paz e se entendam para nos ditar bons horóscopos.*²⁷⁸

O cronista parecia debochar daqueles que insistiam em viver de acordo com o que pensavam ver e ser e não de acordo com o que de fato eram. O homem passou a se

²⁷⁷ BARRETO, Lima. *Lanterna*. Rio de Janeiro, 22/01/1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁷⁸ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 26/12/1914. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

conceber diferente daquilo que era. Isso nos chama a atenção para pensar a ilusão também no que se refere ao comportamento. Olavo Bilac, não parecia concordar com os comentários de Lima Barreto sobre os assuntos da reforma ou, pelo menos, evitava ao máximo tratar o Rio de Janeiro para além da sua fachada moderna. Mas eles pareciam se aproximar em outro aspecto: ambos consideravam os hábitos da alta sociedade uma invenção propagada principalmente pelos jornais, não muito salutar e imprópria à população pobre. Olavo Bilac identifica essa idéia ilusória, não no plano material, mas na incapacidade humana de acompanhar o rápido progresso nesse âmbito. Nesse sentido, ele recriminou inclusive o restrito grupo da sociedade *chic*, que transformou o termo civilizado em sinônimo de luxo.

Para o cronista:

*O Rio, incontestavelmente, progrediu demais, sob o ponto de vista material, em tempo muito escasso: temos avenidas, automóveis e elegância; mas não temos ainda muita gente que possa gozar dessas sublimidades da civilização. Os jornais inventaram uma vida elegante artificial, que só existe nas suas seções de mundanismo e moda. A gente rica e elegante de hoje é a mesma que existia há sete anos; e essa, para gozar as boas cousas da vida, não esperou que os jornais comessem a legislar sobre toaletes e divertimentos, mostrando o que é chic e o que é shocking, e dizendo o que é de bom tom e o que não é dernier-bateau. Sobre essa gente, naturalmente, não tem influência a nossa moderna mania de supercivilização. Há porém, a gente pobre, que se deixa alucinar por essas miragens de gozo, e vai ficando cada vez mais desgraçada, adquirindo desejos, ambições e caprichos que não podem ter satisfação, e alimentando idéias que se não podem realizar.*²⁷⁹

Em tom irônico, Olavo Bilac critica a *mania de supercivilização* e compreende que o conceito de civilizado disseminado não abrange a maior parte da sociedade carioca. O desejo pelo luxo despertado nas pessoas pela imprensa era prejudicial, pois restringia ainda mais a mudança de costumes exigidos no centro urbano, tornando ainda mais difícil a tarefa de disciplinar os hábitos da população. Esta foi uma das suas principais preocupações: quando já relativamente contente com as obras, Bilac gostaria que a população fizesse uma evolução da “barbárie” para a “civilização”, para acompanhar as transformações e tornar ainda mais real a imagem de cidade moderna, incompatível com a miséria, com os hábitos do subúrbio e, também, por mais que possa

²⁷⁹ BILAC, Olavo. *Correio Paulistano*. São Paulo, 30/05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

parecer contraditório, com os excessos da alta sociedade.

Olavo Bilac reclamava de alguns costumes da alta burguesia carioca residente na área central. Em sua opinião, a sociedade carecia de uma reforma nos costumes. As críticas do cronista se direcionavam à elite pelo simples fato dela ocupar as residências e imóveis comerciais das áreas reformadas. Os pobres, uma vez expulsos de lá, não foram alvo do cronista, a não ser quando eles ocupavam suas ruas e entretenimentos. Uma dos pedidos de Bilac, em comum acordo com as proibições da prefeitura, era para que não houvesse exposição de roupas nas portas e janelas das habitações com face na via pública. O argumento utilizado pelo cronista era sempre qualificar tal prática como um hábito próprio do subúrbio; argumento bastante eficaz para uma parcela da sociedade que gostaria cada vez mais de se diferenciar dos hábitos e costumes populares. Ele dizia, *não falo das miseras vestes que, nas estalagens dos subúrbios, aparecem aos olhos de quem passa, (...) lembrando os farrapos de jó (...) muita cousa deve ser permitida aos pobres, para quem a pobreza é uma lei pesada demais... o que não se compreende é que essa exibição de roupas (...) seja feita em palacetes nobres, de bairros elegantes.*²⁸⁰ Outra reivindicação de Olavo Bilac nessa mesma crônica era que se evitasse andar pelos bairros centrais em *mangas de camisa*.

Muitos vícios e hábitos foram extirpados pelos reformadores, mas ainda muitos permaneceram, portanto, era necessária, de acordo com Bilac, *a intervenção da autoridade, com o argumento sempre poderoso e decisivo da multa.... Mas, voluntária ou obrigada, espontânea ou forçada, o essencial é que a reforma dos costumes se opere.*²⁸¹ O poeta e cronista estava legitimando a ação da prefeitura, que periodicamente publicava editais de proibição na imprensa, regulamentando os hábitos, sob pena de multa para os infratores. Parecia estar a cargo dos cronistas o papel de convencer a população a acatar as mudanças de forma espontânea e voluntária. Como vimos, Olavo Bilac apoiava as medidas impostas pela prefeitura e contra-atacava aqueles que viam, nas medidas, uma forma de violência contra os pobres da cidade.

Na crônica que escreveu para o jornal *Correio Paulistano* em defesa do projeto da proibição do trânsito de pessoas descalças nas ruas da cidade, Bilac argumenta:

É a terceira vez que se abre, no Conselho Municipal daqui, discussão

²⁸⁰ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 20/05/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁸¹ Idem.

*sobre o projeto do Sr. Tertuliano Coelho, proibindo o transito, nas ruas do Rio de Janeiro, de pessoas descalças; e, pela terceira vez, o projeto vai ser arquivado, por força da celeuma indignada que uma parte da imprensa levanta em torno dele. Como se andar descalço pelas ruas de uma cidade civilizada pudesse ser “um direito”, e como se o mais pobre dos habitantes do Rio não pudesse usar uma alpercatas de dez tostões! Pelo tom com que alguns jornais agredem o projeto, parece que o Sr. Tertuliano Coelho quer impor aos carregadores, aos carroceiros e aos carvoeiros de Sebastianópolis o uso obrigatório de botinas, borzeguins, ou escarpins de verniz ou pelica, de trinta ou quarenta mil réis!*²⁸²

Ainda em Olavo Bilac, nesta mesma crônica, podemos perceber algumas das diversas leis implantadas pela prefeitura municipal a fim de regulamentar os hábitos da cidade e que eram vistas com bons olhos pelo cronista:

*Valha-nos Nossa Senhora do Bom Senso! Também quando o Prefeito Passos proibiu, pelas ruas centrais da cidade, o transito das vacas leiteiras, acompanhadas de vaqueiros sórdidos, e a venda ambulante de carnes e miúdos, em caixas descobertas, sob a nuvem de moscas, houve uma grita infrene: parecia que o prefeito acabava de violar as cláusulas mais sagradas do pacto constitucional! Também, quando a companhia Jardim Botânico declarou que não aceitaria nos seus carros de primeira classe indivíduos sem gravata, quase houve uma revolução na cidade! E, ainda, quando se estabeleceu a proibição de cuspir ou escarrar no assoalho dos bondes, sob pena de multa, havia todos os dias lutas ferozes entre passageiros e recebedores! E, hoje, já ninguém acha violenta essas medidas, - e se aparecesse, ou se surgisse um lambuzão vendedor de fígados e bofes, ou se um individuo sem gravata quisesse a força tomar passagem num bonde de primeira classe, ou se um bácoro humano começasse acintosamente a emporcalhar o chão de um tramway, os mesmos indignados cidadãos, que outrora protestavam contra esses “atentados à liberdade individual”, seriam os primeiros a exigir o rigoroso cumprimento das posturas e a implacável cobrança das multas impostas aos seus violadores.*²⁸³

As leis citadas por Olavo Bilac eram praticamente todas voltadas contra os pobres, que insistiam em fazer parte do cenário moderno construído, fosse por necessidade, por diversão ou, ainda, como forma de resistência. Muitas polêmicas afloraram em torno dessas leis, que foram percebidas e discutidas pela imprensa, demonstrando que a intenção de fazer também uma reforma nos costumes não se realizou pacificamente. Ela ocorreu em meio a um processo tenso e conflituoso, em

²⁸² BILAC, Olavo. *Correio Paulistano*. Rio de Janeiro. 20/10/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁸³ Idem.

meio a uma verdadeira batalha de forças. A cada lei se criava uma restrição a mais para dificultar a presença dos suburbanos no *funil elegante*. A aplicação de multa ou a prisão eram as alternativas para se conquistar adesão às exigências, mas, mesmo assim, não se obteve a eficácia esperada.

A estratégia de Olavo Bilac para convencer os leitores da necessidade de aprovação do projeto que proibia os pés descalços nas ruas foi apresentar outros projetos outrora criticados, mas que, após algum tempo, transformaram-se em leis aplicadas no dia-a-dia carioca. Sua argumentação visava convencer seus leitores que toda mudança de hábito é difícil até que se acostume a ela; só então, é que se pode perceber o quanto foi útil à vida em sociedade. Nesse sentido, segue o cronista:

*O mesmo se dará, algum tempo depois de ser aceito o projeto sobre o trânsito dos indivíduos descalços. Porque, mais dia, menos dia, esse projeto há de ser convertido em lei. Não se compreende em uma cidade como o Rio de Janeiro de hoje, essa usança remanescente dos tempos de antanho, das épocas bárbaras (...) na idade moderna, até nas estrebarias e nos presídios se exigem asseio, higiene e decência!*²⁸⁴

Olavo Bilac, intelectual integrado à reforma como porta voz do desejo de mudanças, deixou, nas suas produções para a imprensa, os indícios de que a reforma urbana sufocava cada vez mais os costumes e tradições populares, mas que, ainda assim, para desconforto do cronista, estes permaneciam e circulavam no entorno das fachadas da metrópole moderna. Escreve Bilac:

Devo confessar que nunca a Festa da Penha me pareceu tão bárbara como esse ano. (...) todo esse espetáculo de desvairada e bruta desordem ainda podia compreender no velho Rio de Janeiro de ruas tortas, de betesgas escuras, de becos sórdidos. Mas no Rio de Janeiro de hoje, o espetáculo choca e revolta como um disparate. Num dos últimos domingos, vi passar pela Avenida Central um carroção atulhado de romeiros da Penha: e naquele amplo boulevard esplêndido, sobre o asfalto polido, entre as fachadas ricas dos prédios altos, entre as carruagens e os automóveis que desfilavam, o encontro do velho veículo, em que os devotos bêbados urravam, me deu a impressão de um monstruoso anacronismo: era a ressurreição da barbárie, - era a idade selvagem que voltava, como uma alma do outro mundo, vindo perturbar e envergonhar a vida da idade civilizada... ainda se a orgia desbragada se confinasse no arraial da Penha! Mas, não! Acabada a festa, a multidão desvairada transborda, como uma enxurrada vitoriosa para o centro da urbs (...) talvez daqui

²⁸⁴ Idem.

*a alguns anos a orgia da penha desapareça, como desapareceu o entrudo, e como desapareceram tantas outras festas bárbaras que se escudavam na implacável e insuportável tradição.*²⁸⁵

A Avenida Central, novo núcleo histórico, político, social e econômico do Rio de Janeiro, refletia toda expressão de recusa a qualquer forma de identificação com o “passado colonial” ou mesmo com o restante da cidade que fosse identificado com a época “colonial”. Na Avenida e demais espaços reformados, as formas de proceder e os costumes eram observados e vigiados, principalmente quando havia festas e comemorações populares em que se reunia um aglomerado de pessoas de todas as partes da cidade, como na festa de carnaval. Na época do carnaval as pessoas do subúrbio ocupavam as ruas da região central para realizar suas tradicionais brincadeiras carnavalescas, próprias do período colonial brasileiro, chamadas genericamente de *entrudo*.²⁸⁶ Por essa razão o carnaval foi, em muitas ocasiões, ridicularizado pelo cronista Olavo Bilac, como uma festa de desordem e promiscuidade que deveria estar sob os cuidados de famílias cariocas, para pôr fim ao entrudo e regular os divertimentos.²⁸⁷

Como apontou Bilac, as pessoas do subúrbio de opróbrios saíam das ruas tortas, estreitas, e sujas e invadiam as largas ruas das regiões centrais; na bagagem, levavam objetos, costumes e procederes abominados pelos reformadores. Esse encontro cheio de preconceitos narrado por Bilac é bastante revelador. A imagem criada por ele ao afirmar que os indesejáveis desciam para urbs como uma *enxurrada vitoriosa* nos leva a pensar que o encontro com os hábitos suburbanos era algo inevitável, impossível de se controlar, por mais que se criassem barreiras para impedir. Podemos afirmar, a partir de tais considerações, que o processo de reformulação urbana realizado, a partir de Pereira Passos, não alcançou a cidade em sua totalidade, há a permanência de um Rio de Janeiro tradicional e conservador em intenso contato e conflito com o Rio de Janeiro desejado.

Sabendo desse contato e conflito com o vizinho indesejado, o foco de Olavo Bilac não era, necessariamente, as pessoas, mas a imagem que o Rio de Janeiro teria, ou

²⁸⁵ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro. 10/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁸⁶ Para saber mais sobre o carnaval no Rio de Janeiro ver: FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

²⁸⁷ BILAC, Olavo. *Correio Paulistano*. Rio de Janeiro. 13/03/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro. 03/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

seja, a forma como a cidade seria lida pelos brasileiros e pelo mundo. O cronista tinha noção de que o Rio de Janeiro seria visto como um todo, e não de forma fragmentada, então, ele lutava para que o restrito espaço moderno e a pequena parcela da população civilizada se sobressaíssem em relação às predominantes características da cidade indesejada, visto que a representação de mundo é legitimada pela crença e não pela comprovação. Sendo assim, ele via na reforma urbana e dos hábitos a possibilidade de fazer a cidade ser vista e anunciada como “encasacada” e não como “de pés descalços”, ainda que ela não fosse civilizada e moderna em sua totalidade.

Que quer dizer a chegada dessa primeira leva de excursionistas? Quer dizer que essa gente já ouviu falar com entusiasmo da nossa terra, e teve a curiosidade despertada, e quis confiar no testemunho dos seus próprios olhos. Cada um desses visitantes, será, por sua vez, um porta voz; um anunciador gratuito da beleza e da civilização do Rio de Janeiro e do Brasil. Há aí honra e proveito. Ainda muita coisa feia terão visto por aí os viajantes do Byron: muitas ruas mal calçadas, muita gente descalça e suja pelas ruas, muitas casinhas novas atarracadas e desgraciosas, e muitas lojas servidas por caixeiros em mangas de camisa... Mas terão dito a si mesmos, ou terão achado que lhes dissesse, que o Rio de Janeiro não podia, mais feliz do que Roma, fazer-se em um só dia. O que é certo é que a cidade já nos não envergonha, como nos envergonhava.²⁸⁸ Kosmos 07/1907

Nessa perspectiva, Bilac parecia reconhecer que as reformas foram fundamentais para não mais envergonhar a Capital Federal e para que ela fizesse jus a tal *status*, mas lamentava o fato dos avanços sociais e morais não terem acompanhado o ritmo do progresso material. A civilização total da cidade passou a ser vista, pelo cronista, como um sonho inatingível, demonstrando, de certa forma, uma visão já desconfiada do progresso, diante da conclusão de que a civilização no Rio de Janeiro, a mais civilizada das cidades brasileiras, era apenas aparente. Numa de suas crônicas, ele afirma que se alguém do *tempo antigo*, por um milagre, ressuscitasse e presenciasse a sociedade de 1907, ele:

sabendo da invenção do telégrafo, e do telefone, e do radium, (...) deixaria talvez, a principio, por alguns momentos, de ser um cético, e acreditaria no progresso da humanidade. Mas, se, depois de contemplar tudo isto, começasse a contemplar a situação moral dos homens, o sorriso da duvida reapareceria nos seus lábios; e ele,

²⁸⁸ BILAC, Olavo. *Kosmos*. Rio de Janeiro, 11/08/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

*continuando a dizer que tudo é ilusão, reentraria com prazer no domínio da morte. (...) a civilização é uma ilusão! Tudo é sonho! Creio que só não é sonho este endiabrado reumatismo que me está triturando os tornozelos... tudo mais é ilusão!*²⁸⁹

O desejo por mudanças de hábitos e costumes não agradava nem um pouco Lima Barreto, que era totalmente contra as imposições do programa republicano de ordem e progresso, pois via neste a opressão dos pobres pelos donos da República. O conceito de civilizado para o cronista passava não pelas vestimentas, padronização das formas de proceder e demais restrições impostas pela municipalidade, mas sim pela educação. Para ele, a educação era a única maneira de livrar o povo da opressão da elite burguesa.²⁹⁰ Ao passo que Olavo Bilac identificava as práticas carnavalescas como atos incivilizados, Lima Barreto afirmava ser outra sua preocupação:

*O isolamento faz-me mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriaguez que a multidão traz, é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem até agora inventado. Nem o ópio, nem o álcool, nem o hachisch produzem a embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extraordinárias, sem estragar a saúde. Não participo da opinião da polícia, (...) o que me aborrece mais no atual carnaval, é a conclusão a que fatalmente chego ao ouvir as suas cantigas, sambas, fados, etc., ao ouvir toda essa poética popular e espontânea, de não possuir o nosso povo, a nossa massa anônima, nenhuma inteligência e de faltarlhe por completo o senso comum. Mete horror semelhante pensamento. O ponto de vista da imoralidade e chulice pouco me preocupa; o que me preocupa é o intelectual e artístico.*²⁹¹

Ainda em Lima Barreto, sobre o carnaval:

O carnaval é a expressão da nossa alegria. O ruído, o barulho, o tantã espancam a tristeza que há nas nossas almas, atordoam-nos e nos enchem de prazer. Todos nós vivemos para o carnaval. Criadas, doutores, soldados, todos pensamos o ano inteiro na folia carnavalesca. Durante o ano todo, Morcego é um grave oficial da Diretoria dos correios, mas, ao aproximar o carnaval, morcego sai de sua gravidade burocrática, atira a máscara fora e sai para a rua. E então ele esquece tudo: a pátria, a família, a humanidade. Delicioso

²⁸⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro. 11/08/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹⁰ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 11/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional. BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 13/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹¹ BARRETO, Lima. In. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*: Volume II (1919-1922). Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 137.

*esquecimento! Ele então não era mais a disciplina, a correção, a lei, o regulamento; era o coribante inebriado pela alegria de viver.*²⁹²

Lima Barreto parecia apreciar os costumes e tradições populares e via, no carnaval, um momento em que as tristezas e obrigações eram esquecidas temporariamente, momento em que os mais civilizados entre os “civilizados” colocavam a máscara ou a retiravam do seu dia-a-dia para se entregarem à embriaguez do carnaval, encontrarem-se e se divertirem com os próprios preconceitos. Mas não podemos nos seduzir pelas palavras do cronista, pois, no conjunto de suas crônicas, ele nutre certa antipatia pela festa, por considerá-la vazia e sem sentido²⁹³. Cremos que sua defesa em alguns momentos se dá em virtude de dois fatores: o primeiro por não concordar com o fato de o governo cercear a liberdade individual; o segundo pela sua tendência de fazer oposição aos grandes periódicos que sempre ridicularizavam o carnaval e o entrudo, focando principalmente os pobres como os responsáveis pelos pontos negativos dos mesmos. De qualquer forma, o cronista, amante ou não do carnaval, sempre se colocou a favor da população do subúrbio.

Consideramos até que sua defesa, em alguns momentos, é tão exagerada que o cronista acaba colocando a população suburbana como marionetes que se sujeitaram pacificamente aos interesses dos endinheirados e administradores da cidade, como incapazes de reagir contra as mazelas que os afligiam. Mas, como podemos perceber, tanto a partir das crônicas de Barreto e Bilac, quanto dos jornais, a população suburbana ofereceu forte resistência às imposições governamentais, inclusive obtendo algumas vitórias em relação aos reformadores do Rio de Janeiro. A Revolta da Vacina é um exemplo clássico de resistência popular e de ressignificação do espaço e dos símbolos da civilização, como bem elucida Myria Bahia Lopes:

A apropriação das ruas, a quebra de lampiões, a virada de bondes e a construção de barricadas formam uma experiência singular de alguns habitantes no espaço urbano. Há uma recodificação da grafia urbana, em que os símbolos da civilização são reapropriados e se transformam em táticas de luta da população. Ação física que atinge alvos precisos e expressa uma trajetória do desejo da população amotinada. A idéia de que a partir da remodelação do espaço são criados novos hábitos na população, é invertida. A nova forma de

²⁹² BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. Rio de Janeiro, 02/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹³ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro. 14/01/1922. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*apropriação do espaço, criada pela multidão, se traduz como negação das normas de gestão da cidade moderna. O roteiro do teatro urbano e a idéia linear e positiva do progresso são questionadas pela ação popular.*²⁹⁴

As novas posturas municipais, criadas a partir de Pereira Passos com o objetivo de disciplinar os hábitos da população, não agradava nem um pouco o cronista, pois Barreto via nelas uma ameaça aos mais necessitados do Rio de Janeiro, ou seja, aos indesejados da Avenida e fortes candidatos ao “título” de barbárie. Nesse sentido, Lima Barreto ironizou muitas leis criadas pela municipalidade. Sobre a proibição da circulação de cachorros nas ruas da *urbs*, Barreto deu os parabéns às mulheres que salvavam os cachorros dos guardas municipais antes de serem presos e exterminados.²⁹⁵ Sobre a proibição de mendicantes nas ruas, o cronista comenta o anúncio de jornal que afirmava que a polícia prendeu um mendigo que trazia alto valor em dinheiro. Neste caso, Barreto chama a atenção para a batalha que se travou nas ruas do Rio de Janeiro entre os costumes e a lei, representados respectivamente pelo pedinte que agiu de acordo com os costumes e a polícia, que exerceu seu poder de acordo com a lei. Nesta batalha, o cronista apoiava deliberadamente os costumes, mesmo quando isto significava ir contra a opinião geral. Para ele, não se devia proibir a prática da mendicância, já que essa era a única alternativa de vida para muitas pessoas, o que demonstrava a desigualdade social e a inutilidade de determinadas leis. Barreto estava sempre a favor dos infratores, nunca da lei.²⁹⁶

As leis eram percebidas por Lima Barreto não pela ótica de quem as aplicava, ou dos desejosos de completar a “limpeza” das ruas, mas pela ótica dos atingidos e prejudicados por elas. Escreveu uma crônica para a revista *Careta* que condenava a proibição dos muambeiros nas largas ruas da zona central.

Quando saio de casa e vou à esquina da Estrada Real de Santa Cruz, esperar o bonde, vejo bem a miséria que vai por este Rio de Janeiro. Ultimamente, na esquina, veio ao meu encontro um homem com quem conversei alguns minutos. Ele me contou a sua desdita com todo o vagar de popular. Era operário não sei de que ofício; ficara sem emprego, mas, como tinha um pequeno sítio lá para as bandas do

²⁹⁴ LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000. pág. 16-17.

²⁹⁵ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro. 20/09/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

²⁹⁶ BARRETO, Gazeta. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro. 26/05/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

Timbó e algumas economias, não se atrapalhou em começo. As economias foram-se, mas ficou-lhe o sítio, com as suas laranjeiras, com as suas tangerineiras, as suas bananeiras, árvore de futuro com a qual o Senhor Cincinato Braga, depois de salvar o café, vai salvar o Brasil. Este ano foi particularmente abundante em laranjas e o nosso homem teve a feliz idéia de vendê-las. Vendo, porém, que os compradores na porta não lhe davam o preço devido, tratou de valorizar o produto (...) comprou um cesto, encheu-o de laranjas e saiu a gritar: (...) foi feliz e pelo caminho apurou uns dois mil-réis. Quando, porém, chegou a Todos os Santos, saiu-lhe ao encontro a lei, na pessoa de um guarda municipal:

- Quedê licença!

- Que licença?

*- Já sei, intimou o guarda. Você é muambeiro. Vamos para a agência. Tomaram-lhe o cesto, as laranjas, o dinheiro e, a muito custo, deixaram-no com a roupa do corpo.*²⁹⁷

Nessa época, não eram permitidos vendedores ambulantes trabalhando sem licença pelas ruas da cidade. Para entrar na legalidade, era necessário pagar impostos à prefeitura e também padronizar os equipamentos utilizados conforme a lei.²⁹⁸ Como podemos ver, os incivilizados do projeto reformista, ou seja, aqueles que não eram aptos a estarem nas áreas centrais da cidade, foram narrados por um outro prisma nas crônicas de Lima Barreto. Não foram tidos como incivilizados, mas como trabalhadores em busca da sobrevivência, que eram apresentados de forma a questionar a tentativa de reforma não só do espaço urbano, mas também dos hábitos e costumes daqueles que por lá circulavam. Já os administradores públicos eram tidos como aproveitadores, criando leis para engodarem a receita do Distrito Federal.²⁹⁹

As formas de proceder e os hábitos condenados pelo discurso republicano de ordem e progresso foram qualificados positivamente por Lima Barreto. O que para

²⁹⁷ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro. 07/08/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

²⁹⁸ Leis publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/11/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Art. 86. Aos mercadores ambulantes sem licença para seus negócios, será imposta a multa de 20s, com exceção dos de:

1. Não é considerado negócio ambulante a venda de productos de pequena lavoura, pelos próprios lavradores.

²⁹⁹ Leis publicadas no jornal *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/11/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Imposto de Licenças

Art. 16. Ninguém poderá ter negócio de qualquer natureza, por atacado ou varejo, estabelecido ou ambulante, fabrica ou officina, deposito de qualquer espécie, escriptorio, consultório, tendas e barracas, exhibições, diversões e espectáculos públicos, vehiculos terrestres e marítimos, particulares ou a frete, kiosques, taboletas, toldos, placas, lettreiros, lampeões em postes, bandeiras annuncios, sem licença municipal, pagando o respectivo imposto de alvarás de licença, salvo os exceptuados nesta lei, e nas de character permanente não derogadas ou revogadas.

Art. 17. Os impostos de licença serão arrecadados de accordo com as tabellas seguintes: (...)

Bilac tratava-se de *monstruoso anacronismo e insuportável traição*, para Lima Barreto era a sobrevivência do que a sociedade tinha de melhor, mas que estava sob a ameaça da astúcia modernizadora. Ele encarava a civilidade defendida por Bilac como algo forjado pela hipocrisia.

*Este Rio (...) pode ter muitos defeitos, mas ainda não perdeu de todo a simplicidade e ainda tem muitos aspectos de generosidade. É uma grande aldeia, dizem os snobs; admito. É porém, preferível uma grande aldeia com generosidade, caridade e simplicidade de gostos e modos do que uma aldeola com pretensões a altas elegâncias européias (...), com seus verdadeiros e falsos ricos, cavadores nacionais, (...) falsificadores.*³⁰⁰

Outra questão apontada nessa mesma perspectiva, é como os prédios construídos na Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, eram feitos não para o povo, mas para os poderosos se deleitarem, contribuindo para o afastamento natural dos pobres de lugares como o Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Escola Nacional de Belas Artes, entre outros. Numa crônica de Lima Barreto escrita para a revista *Careta*, ele questiona a intenção do poder municipal e nacional em civilizar a população, já que os prédios voltados à educação e à arte, foram vedados aos pobres. Ele exemplifica sua afirmação e enfatiza sua crítica ao narrar a história de *Xubregas*, um músico do morro que, diante da impossibilidade de viver da música, tornou-se construtor de fossas. Ao saber que uma famosa orquestra vienense se apresentaria no Teatro Municipal, quis assistir, mas, segundo o personagem da crônica: *quando lá cheguei, tudo era caro, (...) qualquer lugar era tão caro que, se eu alugasse um, ficava sem comer uma semana. Sempre li que a prefeitura tinha erguido aquele teatro para a educação do povo. O cronista o retrucou: Que engano! Ele deve estar por quinze mil contos, extorquidos ao povo; mas foi feito para educação dos ricos. Então Xubregas dá um grito de despedida ao cronista: Viva a República.*³⁰¹

Xubregas, também chamado pelo cronista de *um do povo*, é apresentado para demonstrar como as práticas do governo Republicano, especialmente os expressos na Capital Federal, eram contrárias ao discurso defendido. Na mesma direção, ele quer colocar em cheque a visão oficial de civilidade, por considerá-la excludente, que impõe

³⁰⁰ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 31/12/1921. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

³⁰¹ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 19/08/1922. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

ao imaginário coletivo a noção de que para ser civilizado deve-se vestir bem, obedecer regras de etiqueta, frequentar espaços *chics* e outros requisitos que não foram feitos pensando nos *Xubregas* da cidade carioca. Para Lima Barreto, haveria de se repensar a noção de povo, para que assim fosse também repensado o espaço que para ele (não) vinha sendo construído. O cronista, numa crônica escrita em 1911 para revista *Estação Teatral*, denunciou o programa de reformas por este pensar nos edifícios pelos seus alicerces e não pela função que deveriam ter:

*O Teatro Municipal! É inviável. A razão é simples: é muito grande e luxuoso. Supondo que uma peça do mais acatado dos nossos autores provoque uma enchente, repercuta sobre a opinião, haverá no Rio de Janeiro e arredores (...) gente suficiente encasacada para enchê-lo dez, vinte ou trinta vezes? Decerto, não. Hão de concordar que isso de representar para duas dúzias de cadeiras simplesmente ocupadas e três camarotes abarrotados, não constitui coisa alguma e não merece sacrifício nenhum dos poderes públicos. Armaram um teatro cheio de mármore, de complicações luxuosas, um teatro que exige casaca, altas toilettes, decotes, penteados, diademas, adereços, e querem com ele levantar a arte dramática, apelando para o povo do Rio de Janeiro. Não se trata bem de povo, que sempre entra nisso tudo como Pilatos no credo. Eternamente ele vive longe desses tentamens e não é mesmo nele que os governantes pensam quando cogitam dessas cousas; mas vá lá; não foi bem para o povo; foi para o chefe de seção, o médico da higiene, o engenheiro da prefeitura.*³⁰²

Seguindo essa mesma forma de pensar, Lima Barreto também comenta sobre a magnificência da Biblioteca Nacional:

Pouco freqüento a Biblioteca Nacional, sobretudo depois que se mudou para a Avenida e ocupou um palácio americano. A minha alma é um bandido tímido, quando vejo desses monumentos, olho-os, talvez, um pouco, como um burro; mas, por cima de tudo, como uma pessoa que se estarrece de admiração diante de suntuosidades desnecessárias. O Estado tem curiosas concepções, e esta, de abrigar uma casa de instrução, destinada aos pobres-diabos, em um palácio intimidador, é das mais curiosas. Como é que o Estado quer que os malvestidos, os tristes, os que não tem livros caros, os maltrapilhos (...) avancem por escadarias sustuosas, para consultar uma obra rara, com cujo manuseio, num dizer aí das ruas, têm a sensação de estar pregando à mulher do seu amor? A velha biblioteca era melhor, mais acessível, mais acolhedora, e não tinha a empáfia da atual.

³⁰² RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*: Volume I (1890-1919). Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 71.

Enquanto Barreto fazia tais indagações, de acordo com Antonio Dimas, Olavo Bilac, cronista a quem se deve boa parte das Transformações do Rio de Janeiro na primeira década do século XX, estava a serviço da causa pública. O auge desse processo foi a inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1909. Olavo Bilac foi o orador oficial da cerimônia, a convite do prefeito Souza Aguiar. De acordo com o autor, o prédio, recinto de pessoas graúdas da sociedade, cercado por outros edifícios construídos com a mesma inspiração, era o arremate de um momento que criara o slogan *o Rio civiliza-se*.³⁰³

Lima Barreto e Olavo Bilac perceberam as mudanças na cidade, embora com perspectivas diferenciadas. O primeiro achava que as obras eram cheias de luxo e suntuosidades desnecessárias, incapazes de atender às reais necessidades da população carioca, que, em sua maioria, não se habituaria a tudo aquilo, por formarem um ambiente em si inibidor e excludente. Já o segundo, cria que aquele era exatamente o cenário material desejado, mas que as pessoas não se civilizavam o suficiente para o seu devido desfrute. Para um, o problema estava nas obras, para outro o problema estava nas pessoas. Para um, a ilusão era o próprio conceito padrão de civilidade desejado pelo Estado, para o outro a ilusão era crer que todo o Rio de Janeiro evoluiu com a reforma da “barbárie” para a “civilidade”. Para um, a reforma dos costumes era preconceituosa e excludente; para outro, era importante e necessária; um cria que a noção de civilização estava ligada aos hábitos e tradições populares do subúrbio, outro acreditava que a verdadeira civilização era a que se desejou construir no centro urbano. Um defendia os infratores, o outro as leis. O Rio de Janeiro foi construído nas crônicas no encontro entre o centro urbano e subúrbios, apresentando seus tipos humanos, costumes, valores, hábitos, etc. Embora houvesse a pretensa separação dessas duas cidades, embora sejamos tentados a dividir esses mundos fragmentados, é necessário dizer que um sempre é tomado em relação ao outro, reafirmando ainda mais a idéia de contato. A noção de civilização que Barreto critica e Bilac exalta também faz parte da constituição da fachada moderna.

³⁰³ Dimas, Antonio. *Bilac, o jornalista: ensaios*. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo. pág. 149.

2.4 EM BUSCA DE SINTONIA

Quando pensamos no embelezamento do Rio de Janeiro, temos sempre a tendência a pensar que a cidade foi influenciada pela França, mais precisamente, por Paris. Somos levados a cair numa linha de reflexão que elege o mimetismo como a melhor explicação para o momento histórico. Confessamos que é um desafio para nós encarmos a reurbanização do Rio de Janeiro por outro viés. Na leitura das crônicas, especialmente nas de Olavo Bilac, pela quantidade de vezes que a França aparece, quase sempre citada como o lugar-exemplo, onde a cultura e a arte estão em sua mais perfeita expressão, somos tentados a perseguir a idéia de que o Rio de Janeiro copiou a reforma urbana parisiense, desejando ser tal qual ela era.

Não desconsideramos, contudo, que a França tenha sido um país importante no processo de reurbanização do Rio de Janeiro, certamente foi um dos lugares mais observados pelos reformadores. Muitos deles, como o próprio Francisco Pereira Passos, tiveram formação francesa e acompanharam de perto a reforma urbana européia, principalmente a dirigida por Haussmann, entre 1853 e 1870. No entanto, afirmar que o Rio de Janeiro foi influenciado pela reforma francesa, como o modelo único e ideal a ser seguido, é uma conclusão aprisionada a uma teoria explicativa que apenas contribui para minimizar o debate sobre o fato histórico. Portanto, pretendemos não cometer o equívoco de nos seduzir por esse engodo, porque cremos que a noção de influência implica uma passividade e impotência do Rio de Janeiro em relação à França, que retrata o Brasil como um país sem originalidade que se desenvolveu lentamente, seguindo os passos das inovações dos países Europeus.

Sendo assim, optamos por perseguir a idéia de sintonia, ou seja, a busca de sintonia dos reformadores com os projetos ocidentais de civilização. A busca por se equiparar a noção de progresso em discussão foi importante para conceder ao Rio de Janeiro os elementos necessários para inseri-lo no rol das grandes metrópoles. O estudo feito por Myriam Bahia Lopes, no livro *Rio em Movimento*, sobre a Campanha pela Vacinação e a Revolta da Vacina, chama-nos a atenção para a noção de sintonia do Brasil com outros países. Esses fatos estavam diretamente ligados à intenção de mudar a imagem do Brasil para o mundo e também vinculados à reforma urbana implantada no Rio de Janeiro, já que um de seus pilares de sustentação era a higienização da cidade. A autora nos mostra que, no caso da campanha pela vacinação, não se tratava de uma

imitação brasileira, ou de um fato isolado no país, mas era uma discussão em diversas nações, demonstrando que também foi uma tendência, ou seja, uma sintonia com outros países. Myriam Bahia Lopes ressalta:

Assinalamos, nesta transcrição, o caráter internacional do debate sobre a vacina e os movimentos de resistência a esta medida. Por outro lado, os defensores da vacina buscam exemplos na Alemanha, França, Japão e Sérvia a favor da implementação legal desta medida profilática. Por outro, os positivistas da IAPB divulgam os movimentos antivacinistas no continente europeu e no norte-americano. O Brasil é retratado pela historiografia como um país em desenvolvimento, que segue, no seu lento compasso, as inovações científicas adotadas nos países europeus. Observamos, no entanto, a simultaneidade cronológica no processo de implementação da vacina em diferentes países.³⁰⁴

Nessa mesma direção, a autora Maria Tereza Chaves de Mello nos dá uma contribuição importante ao sugerir que o Brasil buscava através das *idéias novas* se adequar à civilização, colocando o país no *nível do século*.³⁰⁵ Os reformadores e intelectuais, no final do século XIX e início do século XX – para inserirem a cidade do Rio de Janeiro e o país na modernidade urbana – tinham outras cidades em vista; todavia, não para se sujeitarem ao mimetismo puro e simples, mas para discutirem e fazer analogias de umas com outras, visto que, através dessas comparações, a cidade começava a se perceber e a se ver, entre outras representações possíveis, como um lugar de atraso.

O Rio de Janeiro sempre foi visto como uma cidade muito importante na história brasileira, pois era o espaço para onde as novidades convergiam. Ela foi sede da monarquia portuguesa e, naquele momento, era a Capital do Brasil, centro político e financeiro; esses fatores, entre outros, renderam-lhe a condição de centro cosmopolita do país. Daí a importância de se ter em vista a alteridade para despertar na sociedade a identificação com o atraso, mesmo diante da grandeza e riqueza do Rio de Janeiro.

Nesse contexto, a idéia que ganha força após a consolidação da República e do aceleração do ritmo de vida da sociedade carioca é que, apesar de tudo, o Rio de Janeiro ainda matinha feições de uma cidade colonial, com ruas estreitas, traçado

³⁰⁴ LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000. pág. 76.

³⁰⁵ MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora Edur, 2007. pág. 121.

irregular, prédios velhos, enfim, uma estrutura urbana supostamente incompatível com o que ela representava. Diante dessa sensação de atraso, tornou-se então necessária a remodelação da cidade, com os aparatos da modernidade que a inserissem no mundo civilizado, criando, assim, uma imagem de credibilidade ao país diante dos olhos do mundo.³⁰⁶ A implementação do projeto modernizador surgiu para fazer o Rio de Janeiro acompanhar o progresso, ajustando-se aos seus paradigmas.

No ano de 1903, no governo de Floriano Peixoto, Olavo Bilac foi exilado para Ouro Preto, onde permaneceu até o ano de 1904. Após o período de exílio e das amargas experiências com o governo florianista, o cronista minimizou suas crônicas de críticas à política, provavelmente temendo maiores retaliações, para se dedicar a outros assuntos, como literatura, política internacional e suas impressões do sítio onde se construiria a cidade de Belo Horizonte, que se tornaria a capital de Minas Gerais.³⁰⁷ A militância política de Olavo Bilac cedeu espaço para o combate em favor da remodelação urbana do Rio de Janeiro e a cidade de Belo Horizonte foi umas das primeiras cidades a ser citadas pelo cronista como exemplo a ser observado para o Rio de Janeiro “acertar o passo” em suas transformações.

Como por milagre, uma cidade moderna, de largas avenidas e palácios soberbos, rompeu do lugar em que havia a pequena povoação de Belo Horizonte: o Curral d'El Rei nunca poderia esperar tamanha honra... a Gazeta não é folha mineira, e quem escreve esta crônica não gosta de preocupar-se com a vida alheia; mas como deixar em silêncio este acontecimento? O fato de, em dous anos, surgir da terra, acabada e bela, uma cidade, não é fato que todos os dias se dê: e é preciso que isto tenha o comentário da crônica. Se o caso se houvesse passado na América do Norte, nessas fabulosas terras onde as crianças já nascem diplomadas e onde as cidades se fazem a quatro horas incompletas, nada se poderia escrever sobre ele. Mas, não! O milagre (porque foi um verdadeiro milagre) fez-se na parte mais pacata, mais prudente, mais desconfiada, mais econômica deste mundo e dos outros: o Estado de Minas Gerais não é useiro e vezeiro nessas cavalarias altas. Daí, o espanto de todos; daí o estranho caso. Não queiramos desgostar quem está contente! Pode ser que ainda os mineiros se arrependam de ter gasto tanto dinheiro em mármore e madeiras, quando o podiam gastar em sementes e arados; mas o mais provável é que a providência abençoe os esforços daquele povo... em todo o caso, demos parabéns ao Estado de Minas, que acaba de inaugurar o seu

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17, 28 e 30/01/1894. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Belo Horizonte é tomado pelo cronista como um exemplo de ousadia, ele apresenta as novidades da nova capital mineira aos cariocas com admiração, exaltando o feito. Não se tratava de uma cidade da América do Norte ou da Europa, era uma Cidade brasileira, talvez mais limitada do que a Capital Federal, mas que já tinha saído na frente na corrida rumo ao progresso. Belo Horizonte se consolidou como o exemplo mais próximo que demonstrou a possibilidade de fazer do Rio de Janeiro uma capital moderna para os moldes da época.

A rapidez com que se desenvolveram as obras foi um dos pontos destacados pelo cronista ao comentar sobre a cidade mineira, a velocidade com que tudo foi feito dava a autenticidade de milagre à realização. Milagre este que os dirigentes do Rio de Janeiro buscavam para a cidade. Olavo Bilac parece utilizar a crônica não apenas para informar, mas para convencer da capacidade de transformar o Rio de Janeiro em um curto espaço de tempo. Além da velocidade, o que constitui o milagre descrito na crônica é o surgimento da cidade moderna. Diante disso, podemos nos perguntar, quais são os sinais, os paradigmas que tornam determinado espaço numa cidade moderna? De acordo com Olavo Bilac, o que caracteriza a cidade moderna são as *largas avenidas* e os *palácios soberbos*.

Ainda que Paris fosse pioneira na transformação urbana, não se tratava de copiar a França, mas sim de implementar na cidade do Rio de Janeiro aquilo que é considerado como moderno e sinal de progresso, desenvolvimento e civilização. Naquele momento, o que arrancaria a cidade da identificação com o período colonial e com o atraso, ajustando-a ao presente, era a abertura de largas avenidas ladeadas de edifícios, com as modernas técnicas da engenharia. Era essa a condição para criar um *nobre salão de visitas*.

Outra cidade importante como exemplo para a reformulação urbana do Rio de Janeiro foi Buenos Aires, capital da Argentina que, desde aquela época, já rivalizava com o Brasil pela posição de maior potência da América Latina. Numa visita que fez a Buenos Aires, como integrante da comitiva do presidente Campos Sales, Olavo Bilac escreveu uma crônica falando sobre a cidade:

³⁰⁸ BILAC, Olavo. *Gazeta de notícias*. Rio de Janeiro, 19/12/1897. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

Quando leres isto, Sebastianópolis, não cubras com indignação a face, não dês punhadas de ira na cabeça, não te rojes no chão acoimando de ingrato este pobre filho sincero! Ama-te ele assim mesmo, desleixada e feia; nem todas as avenidas e todos os boulevards da Europa e da América poderão jamais ter para ele o encanto daquela triste esburacada rua da Vala que ouviu os seus primeiros vagidos. Mas justamente porque tanto te ama, é que teu filho deve ter o direito de te dizer, entre dous beijos, que a vizinhança de Buenos Aires é uma vergonha para ti, adorada Sebastianópolis... Quem te disse que és a primeira Capital da América do Sul zombou da tua ingenuidade e injuriou duramente os teus cabelos brancos; mais te ama e muito mais digno é a tua gratidão quem francamente te diz que és uma cidade de pardieiros, habitada por analfabetos. Ah! Quando um dia, do seu fecundo, surgir o homem fadado para reformar-te, o Torenato de Alvear designado pelo destino para o mister glorioso de te curar a lazeira e de te infundir novo sangue, e então tu será a primeira capital, já não da América do Sul, mas de todo o mundo; e os teus filhos de então, vendo, nos álbuns de arte retrospectiva, as tuas ruas e as tuas casas de hoje, perguntarão assombrados como pode um povo viver por tanto tempo atolado em tão torpe inércia! (...) Quando Alvear quis realizar o seu sonho radiante, não houve casmurrice apatacada que ousasse opor-se ao soberano poder da sua vontade. Foi um prodígio, foi uma loucura, uma dessas abençoadas loucuras que são cem mil vezes mais úteis do que todo o bom senso (...). para construir o Porto Madero, aquele assombroso porto (...) consumiram-se trita e seis milhões de pesos ouro. (...) todas as velhas casas coloniais caíram, e não houve juiz que desse mandado de manutenção aos proprietários de pocilgas; as ruas alargaram-se, os palácios surgiram como por encanto do solo, a vontade do homem venceu a apatia da terra.³⁰⁹

A linguagem forte e agressiva utilizada pelo cronista era uma forma de demonstrar a urgente necessidade de mudança na Capital do Brasil. Sem rodeios, ele teceu louvores à nova capital platina, que também havia adentrado em sintonia com as demais metrópoles modernas, com suas largas avenidas, belos palácios e praças. A descrição é feita com o intuito de reforçar a identificação da cidade carioca com o atraso. Através da comparação da capital platina com o Rio de Janeiro, o cronista, com tom de vergonha, sentimento que queria deixar em seus leitores, diagnosticou a condição estática de “Sebastianópolis”, como se ela houvesse parado no tempo. Para Olavo Bilac, a causa da vergonha é *que nós, filhos da mesma raça e do mesmo momento histórico com muito mais vida, com muito mais riqueza (...) ainda temos por capital da República, em 1900, a mesma capital de D. João VI em 1808 – isso é que dói como uma*

³⁰⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18/11/1900. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*afronta, isso é o que revolta como uma injustiça.*³¹⁰ Ele achava compreensível o fato de o Rio de Janeiro não acompanhar a elegância das cidades européias, não se conformando com o fato de o Rio de Janeiro ainda não ter os traços de uma cidade moderna, enquanto cidades de outros países da América do Sul já os tinham.

Mais uma cidade foi observada e mencionada pelo cronista como um exemplo de capital que se inseriu na sintonia com o mundo moderno; tratava-se de Lisboa, a capital portuguesa:

*Quando vi Lisboa pela primeira vez, - já lá vão alguns anos, - os trabalhos do porto estavam apenas iniciados, e a Avenida da Liberdade apenas traçada. Lisboa era, então, uma cidade triste; quem chegava do Rio de Janeiro tinha uma surpresa desagradável, porque não encontrava na capital portuguesa a vida, a animação (...) Ora, Lisboa é hoje antítese do que era: de dia e de noite, uma vida intensa e febril tumultua no seu seio; e a cidade, saneada, varrida de ar e de luz, graças às grandes avenidas que completaram a da Liberdade, e graças a importância comercial que lhe deu a construção do porto, é uma borboleta saída de uma crisálida, se é que essa comparação de tão estafado e ridículo lirismo pode ser aplicada a uma vasta metrópole em plena pujança de expansão e progresso.*³¹¹

Mais uma vez foi mencionado por Olavo Bilac aquilo que ele cria ser os paradigmas do progresso, os símbolos da modernidade que transformariam a capital brasileira em uma metrópole moderna: as grandes avenidas, a construção do porto, a idéia de cidade limpa e saneada, com boa circulação de ar e luz, fatores apresentados pelo cronista como os responsáveis pela transformação da cidade, os requisitos indispensáveis para a preparação urbanística e conseqüente inclusão na era moderna. Estes requisitos representavam também a mudança nos habitantes da cidade, pela difusão generalizada de novas experiências, que levaria o povo a se educar e se disciplinar. São esses os argumentos utilizados pelo cronista para convencer seus leitores da necessidade do Rio de Janeiro se modernizar o mais rápido possível.

Olavo Bilac, militante da reformulação urbana, menciona todas essas capitais para demonstrar que as cidades estavam se modernizando e que o Rio de Janeiro estava ficando para trás, ainda muito aquém da tendência internacional. Bilac não queria ser uma cópia de Paris; ele apenas mostrou que a reforma urbana, pautada no saneamento e embelezamento, não era exclusividade de cidades européias, mas de qualquer outra que

³¹⁰ Idem.

³¹¹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 08/06/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

se empenhasse em tal projeto. A remodelação do Rio de Janeiro não haveria de ser muito diferente da que foi realizada nos outros países, pois o objetivo era impressionar, causar a sensação de mudança e modernidade. A melhor fórmula para despertar esses sentimentos era pautar as reformas nos modelos que circulavam na imprensa carioca, familiarizando a população com os símbolos e sinais do progresso modernizador.

Outra cidade também comparada, por Bilac, ao Rio de Janeiro foi a cidade de São Paulo:

Há três anos, mandava eu de S. Paulo, à Gazeta, uma crônica, em que confessava o meu espanto e a minha admiração pelo progresso que fora encontrar na capital paulista. E, naturalmente, cotejando o que lá via com o que aqui deixara, escrevi palavras que não podiam ser de leite e ambrosia para o paladar do Rio de Janeiro... a verdade é que a minha revolta era grande: eu não podia perceber como a pequena cidade de S. Paulo, muito menos rica e muito menos importante do que a do Rio de Janeiro, ganhava sobre esta uma tão incontestável supremacia de formosura e de higiene. Esse contraste entre o S. Paulo e o Rio afligia-me ainda mais do que o contraste entre o Rio e Buenos Aires. Não se tratava já de duas cidades de origem diferente e de diferente fortuna: tratava-se de duas irmãs, filhas dos mesmos pais, falando a mesma língua, alimentadas pelo mesmo sangue, e tão dessemelhantes na sorte: uma pompeando em louçanias e galas, indo a bailes e folguedos, arreada de alfaias e jóias – enquanto a outra, mísera Gata Borralheira, ficava, maltrapilha e descalça, na trapeira sórdida, à espera de um príncipe encantado que não aparecia.

Quem vê o Rio, há três anos, maltratado e sujo, (...) com as suas tristes vielas povoadas de cachorros vagabundos, e quem agora o vê, com as novas avenidas em via de edificação, (...) com as ruas alargadas e enchendo-se de edificações elegantes, com a variedade dos novos tipos de calçamento adotados, - reconhece sem dificuldade que, neste curto espaço de tempo, muito mais se fez aqui, do que em S. Paulo num espaço de tempo três vezes maior. Daqui a pouco tempo, dentro de dous anos, quando a Avenida Central e a Avenida Beira-Mar estiverem concluídas; quando o Rio de Janeiro se encher de carruagens e de automóveis; quando começarmos a possuir a vida civilizada e elegante que Buenos Aires já há tantos anos possui, - também nessa época já nos não lembraremos do era a nossa vida tediosa e vazia.³¹²

Note que Olavo Bilac escreve no momento em que as obras de remodelação do Rio de Janeiro já estavam em andamento; o sonho se realizava, ele já apresentava as mudanças da velha para a nova cidade. Antes do início das obras de reformulação urbana, o Rio de Janeiro era sempre visto como a cidade retrógrada; quando os símbolos

³¹² BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 15/01/1905. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

do progresso começavam a aparecer, ela passa a ser descrita já como uma das metrópoles modernas, com promessas de superá-las. Olavo Bilac expôs, em 1902, São Paulo como uma cidade reformada e o Rio de Janeiro com uma cidade que carecia de reformas:

*Como não sei o que houve no Rio de Janeiro, o melhor é espalhar por esta coluna alguns aspectos de S. Paulo, algumas notas sobre a vida da linda capital do café. Não vale a pena, está claro, falar do progresso material, em verdade espantoso, que se admira por aqui. S. Paulo não fica no fim do mundo: e não há carioca que não conheça as maravilhosas criações da administração Antonio Prado. Alargaram-se as ruas, arborizaram-se as praças; os velhos paralelepípedos tortos do calçamento são substituídos por outros, novos e bem feitos, de arestas vigorosamente retas; as calçadas são de elegante ladrilho (...).*³¹³

A reforma era apresentada não como desejo de luxo ou capricho da alta sociedade, mas como uma prioridade irrevogável, indispensável para a sobrevivência da cidade como capital. Olavo Bilac não estava dividido entre projetos de intervenção urbana na cidade, sequer mencionava a possibilidade de outros projetos, sua defesa ao projeto reformista de Pereira Passos, em sintonia com as reformas urbanas de outras cidades, aparecia como a única alternativa para os problemas enfrentados. Ela era a exclusiva solução que ajustaria o Rio de Janeiro ao novo século. No entanto, isto não significa que não havia outras propostas que rivalizavam com os parâmetros do projeto vencedor, certamente havia outras possibilidades de intervenção na cidade carioca, quem sabe não muito adequadas à tendência da época e às conveniências do estado. Para investigar os projetos vencidos, seria necessário outro estudo.

O escritor Lima Barreto não comungava dos mesmos ideais defendidos por Olavo Bilac porque não se via como atrasado, nem como bárbaro e nem condenava os mesmos símbolos combatidos pelo discurso reformador. Ao que parece, não defendia nenhum outro tipo de projeto para a cidade do Rio de Janeiro, apesar de deixar algumas sugestões e opiniões em suas crônicas sobre como os reformadores deveriam agir. Por exemplo, ao invés de criar o Teatro Municipal, fazer pequenos teatros em todas as regiões da cidade, especialmente nos subúrbios.³¹⁴ Era mais um crítico do modelo

³¹³ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 23/02/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁴ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*: Volume I (1890-1919). Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 72.

vencedor que propriamente defensor de um outro projeto qualquer. Através de sua colaboração para o jornalismo carioca, também podemos observar como a idéia de sintonia moveu as intervenções urbanas no Rio de Janeiro.

Sobre a rivalidade entre a Capital do Brasil e a Capital Argentina e a tentativa desta primeira em superar a segunda, Lima Barreto diz:

Porque o Senhor Rio Branco, o primeiro brasileiro, como aí dizem, cismou que havia de fazer do Brasil grande potência, que devia torná-lo conhecido na Europa, que lhe devia dar um grande exército, uma grande esquadra, de elefantes paralíticos, de dotar sua capital de avenidas, de boulevards, elegâncias bem idiotamente binoculares e toca a gastar dinheiro, toca a fazer empréstimos; e a pobre gente que mourejava lá fora, entre a febre palustre e a seca implacável, pensou que aqui fosse o Eldorado e lá deixou as suas choupanas, o seu sapé, o seu aipim, o seu porco, correndo ao Rio de Janeiro a apanhar algumas moedas da cornucópia inesgotável.

A obsessão de Buenos Aires sempre nos perturbou o julgamento das coisas. A grande cidade do Prata tem um milhão de habitantes; a capital da Argentina tem longas ruas retas; a capital Argentina não tem pretos; portanto, meus senhores, o Rio de Janeiro, cortado de montanhas, deve ter largas ruas retas; o Rio de Janeiro, num país de três ou quatro grandes cidades, precisa ter um milhão; o Rio de Janeiro, capital de um país que recebeu durante quase três séculos milhões de pretos, não deve ter pretos.

E com semelhantes raciocínios foram perturbar a vida da pobre gente que vivia a sua medíocre vida aí por fora, para satisfazer obsoletas concepções sociais, tolas competições patrióticas, transformando-lhe os horizontes e dando-lhe inexequíveis esperanças.³¹⁵

Como podemos observar, Lima Barreto também oferece indícios para que possamos pensar na questão da busca pela sintonia com os paradigmas do progresso e modernidade. Embora sendo sua perspectiva oposta a de Olavo Bilac, ele aponta a obsessão dos governantes em criar uma imagem do Rio de Janeiro de metrópole moderna, mostrar ao mundo que a Capital Federal do Brasil não deixava nada a desejar aos países mais desenvolvidos. Nessa crônica, sua reclamação é específica em relação à tentativa de acompanhar as mudanças de Buenos Aires. O que clarifica a Argentina como um dos países observados pelos Reformadores republicanos, na busca pela sintonia.

O cronista afirmava, como vimos na crônica, que tudo não passava de uma rivalidade patriótica com Buenos Aires, mas não se tratava apenas disso, o que estava em jogo era sim acertar o passo com outros países que apresentaram ao mundo ocidental

³¹⁵ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 26/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

metrópoles modernas, através da adesão dos símbolos expressos no espaço urbano. A tendência de Lima Barreto, como bem sabemos, era de negativizar as pretensões do governo, não seria diferente em relação ao desejo que os dirigentes tinham de colocar o Rio de Janeiro no rol das cidades modernas. Interessante notar que nessa crônica há uma crítica indireta a Olavo Bilac, pois Lima Barreto ironiza a intenção de se criar avenidas, elegância e um grande exército para fazer do país uma potência. A crônica foi escrita em 1915 e foi justamente nesse ano que Olavo Bilac iniciou a campanha pela defesa nacional com a criação de um grande exército e do serviço militar obrigatório.³¹⁶

Essa intenção, denunciada por Lima Barreto, de tornar o Brasil conhecido, é bastante reveladora para se pensar a modernização urbana do Rio de Janeiro, especialmente a Reforma do Porto que, em nossa opinião, ao lado da Avenida Central, foi a mais importante obra realizada. No século XIX, o grande volume de exportação e importação de mercadoria fez do Porto do Rio um dos mais importantes do Brasil. Nesse período, o sistema portuário já apresentava dificuldade em atender o movimento comercial que cada vez mais se intensificava. O porto era também o principal lugar de embarque e desembarque de estrangeiros dos mais diversos lugares que visitavam a cidade carioca, fosse a negócio ou a passeio. Em 1906, Olavo Bilac comentava o medo que os estrangeiros sentiam ao chegarem ao porto do Rio, medo da sujeira da cidade e de se contaminarem com a febre amarela.³¹⁷

As obras do porto foram dirigidas por Francisco Bicalho, que realizou o empreendimento com apoio financeiro inglês; as obras do cais, aterro portuário e novos armazéns também foram realizados sob a responsabilidade de uma companhia Inglesa. A inauguração oficial do porto ocorreu em 1910 e muitas outras construções decorreram a partir de sua reforma, como a construção da Avenida do Cais, também chamada de Avenida Rodrigues Alves e a ampliação das linhas de estrada de ferro para facilitar o acesso ao porto.³¹⁸ A Avenida Central, por exemplo, conectava o centro urbano da cidade ao porto.

Podemos perceber que a reforma foi realizada com o fim de mostrar a fachada moderna para os visitantes da cidade, que chegavam ao porto remodelado e já se

³¹⁶ Dimas, Antonio. (org.). *Vossa insolência*: São Paulo: Cia das letras, 1996. (Coleção “Raízes do Brasil”, vol.6). pág. 26.

³¹⁷ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/02/1896. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³¹⁸ KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. pág. 41-42.

deparavam com as largas avenidas ladeadas de prédios suntuosos. Os estrangeiros que chegavam ao Rio de Janeiro logo se deparavam com os símbolos plantados no miolo da cidade, como prova de que a urbe havia superado a condição de outrora e adentrado no rol de cidades modernizadas. Nesse sentido, a reforma do porto foi crucial, pois era a porta de entrada para o *Eldorado*.³¹⁹

A nova estrutura urbana do miolo do Rio de Janeiro ao Porto demonstrava os anseios dos reformadores de apresentar uma nova imagem da cidade ao mundo. Em 1912, uma poetisa francesa, Jeanne Catulle Mendes, visitou o Rio de Janeiro e, após a visita, qualificou a cidade como maravilhosa. Posteriormente *cidade maravilhosa* tornar-se-ia um slogan, uma noção alimentada pela visão oficial que correspondia ao desejo do projeto reformador em fazer do Rio de Janeiro o cartão postal do Brasil. A imagem de *cidade maravilhosa* foi a legitimação do projeto oficial da República e de seus reformadores, que colocou o Rio de Janeiro em sintonia com a noção de espaço moderno, ainda que a cidade indesejada não tenha sido destruída totalmente em sua materialidade. A atribuição da poetisa francesa era prova de que a imagem de progresso estava associada à cidade, principalmente pelo fato de ter partido de uma estrangeira vinda de um país considerado moderno.³²⁰

Lima Barreto, como era contra a idéia de se equiparar às outras cidades, condenou as reformas desde Pereira Passos a Carlos Sampaio, pois acreditava que elas descaracterizavam o Rio de Janeiro, visto que a paisagem, o clima, as pessoas, a natureza e a experiência histórica eram diferentes. Para ele, a cidade tinha sua própria fisionomia que estava sendo destruída pouco a pouco pelas reformas implantadas, tornando o Rio de Janeiro parecido com outras cidades. O cronista não aceitava que os mesmos símbolos de progresso e modernidade fossem plantados em lugares absolutamente diferentes. Nesse sentido, ele escarnecia as construções feitas com estilo dos Estados Unidos:

O nosso gosto, que sempre teve um estalão equivalente à nossa própria pessoa, está querendo passar, sem um módulo conveniente, para o do gigante Golias ou outro qualquer de sua raça. A brutalidade dos Estados Unidos, a sua grosseria mercantil, a sua desonestidade administrativa e o seu amor ao apressado estão nos

³¹⁹ BARRETO, Lima. *Correio da Noite*. 26/01/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³²⁰ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 112.

*fascinando e tirando de nós aquele pouco que nos era próprio e nos fazia bons. É por imitação, por má e sórdida imitação dos Estados Unidos, naquilo que têm de mais estúpido – a brutalidade. Entra também um pouco de ganância, mas esta é a acorçoada pela filosofia oficial corrente que nos ensina a imitar aquele poderoso país. O rio de janeiro não tem necessidade de semelhantes cabeças de porco, dessas torres babilônicas que irão enfeá-lo, e perturbar os seus lindos horizontes. Imploremos aos senhores capitalistas para que abandonem essas imensas construções, que irão, multiplicadas, impedir de vermos os nossos purpurinos crepúsculos do verão e os nossos profundos céus negros do inverno. As modas dos americanos que lá fiquem com eles; fiquemos nós com as nossas que matam menos e não ofendem muito à beleza e à natureza. Sei bem que essas considerações são inatuais. Vou contra a corrente geral, mas creiam que isso não me amedronta.*³²¹

O cronista criticava duramente a construção de prédios imensos para a época, chamando de imitação o que nós estamos denominando sintonia. Chamou de imitação justamente porque sua intenção era depreciar os prédios criados conforme um modelo supostamente norte-americano. Comparava os edifícios com um dos mais famosos cortiços do Rio de Janeiro, chamado *Cabeça de Porco*, ele era dividido por tapumes de madeira e habitado por centenas de pessoas.³²² A comparação foi feita para depreciar os prédios, segundo o cronista, desnecessários a uma cidade como Rio. Todavia, podemos notar que no final da crônica, Lima Barreto considera que os edifícios, ao gosto norte americano, eram, naquele momento, símbolos de grandeza e poder. Era a tendência do período, a cidade corria para acertar o passo com o progresso, no entanto, Lima Barreto optava por remar contra a maré.

A cidade carioca se enchia de prédios com vários andares, que contrastavam com os sobrados de dois andares do tempo do império. Isso significava para Lima Barreto a morte das belezas naturais que davam originalidade ao Rio de Janeiro.³²³ O cronista, em uma de suas crônicas, fez uma analogia dos edifícios que se construíam nas ruas da cidade com a Torre de Babel³²⁴ para demonstrar sua contrariedade com a busca de sintonia com Nova York. Podemos extrair da analogia o desejo que Barreto tinha de que os *arranha-céus* não fossem tomados como ponto de referência, que a cidade valorizasse suas especificidades, de modo a rejeitar este grande símbolo de poder e

³²¹ BARRETO, Lima. *Revista da Época*. Rio de Janeiro, 20/07/1917. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³²² AZEVEDO, Alufio. *O Cortiço*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

³²³ RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica*: Volume I (1890-1919). Rio de Janeiro, Agir, 2004. pág. 480-481.

³²⁴ BARRETO, Lima. *Hoje*. Rio de Janeiro, 10/07/1919. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

modernidade norte-americano, criando assim sua própria fisionomia urbana, de maneira autêntica e baseada no respeito às riquezas naturais da cidade. Dosando a analogia feita com a ironia do cronista, talvez ele gostaria mesmo que o castigo de Deus fosse despejado sobre os atrevidos construtores da Torre de Babel, que, diante dos problemas habitacionais vivenciados pelos suburbanos, construíam grandes hotéis de luxo para visitantes estrangeiros.³²⁵

Em contrapartida, jornais como a *Gazeta de Notícias* exaltavam a iniciativa de construção de grandes prédios para funcionarem como luxuosos hotéis:

³²⁵ BARRETO, Lima. *Careta*. Rio de Janeiro, 15/01/1921. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

UM GRANDE HOTEL NA AVENIDA

Faz-se afinal um Palace-Hotel na Avenida — Predio do Mosteiro de S. Bento — 2.200 contos — Estará prompto em abril

Um hotel na Avenida ! Um grande hotel ! Agora que se multiplicam as visitas de estrangeiros illustres ao Rio, agora que as visitas dos povos civilisados attentam para o nosso rapido progresso, a falta de um hotel era importantissima.

Em hoteis e restaurants nós estavamos muito mal servidos, com preços fabulosos e falta, já não dizemos de luxo, mas de conforto. Todos os esforços pareciam inuteis. Um hotel ! Quando se poderia fazer um grande Palace-Hotel, em plena Avenida Central, com o conforto de identicas casas da Europa e da America do Norte !

Hão de lembrar-se os leitores que até o deputado José Carlos de Carvalho apresentou um projecto creando cinco grandes hoteis aqui e em quatro cidades principaes do Brasil, interpretando assim, na Camara, a vontade geral.

Mas esse projecto não tranquillizou bem o nosso publico, acostumado no quadriennio passado a só saber dos projectos quando elles vertiginosamente já estavam em meio realisados. De modo que deante de um palacio da Avenida vazio, era fatal a pergunta :

—Será para o grande hotel ?

Mas não era, ainda não era...

Ora, é provavel que tenhamos este hotel desejado.

Consta-nos que o Mosteiro de S. Bento está de accordo em acabar o seu grande predio da Avenida Central para um Palace-Hotel com todas os aperfeiçoamentos modernos.

Esse predio, uma das mais bellas construcções da nossa Avenida, depois de concluido, representará um dispendio de dois mil e duzentos contos de réis.

O architecto. Eckmann, cuja competencia é reconhecida, está encarregado da organisação dos projectos e sabemos que o futuro hotel vae ser acabado de modo primoroso, sendo certo que ficará encarregada das decorações internas e do mobiliario a casa Mapple, de Londres.

Se o Governo e a Municipalidade concederem alguns favores á empreza que vae ser organisaada para explorar o hotel, empreza que terá um capital de mil contos de réis, o empreendimento, de que tanto necessitamos será uma realidade dentro em pouco e o novo estabelecimento, que disporá de cento e trinta commodos, inclusive seis aposentos de luxo e seis bellas lojas para alugar, será inaugurado em abril do anno proximo futuro.

A nova empreza pagará ao Mosteiro, sob a fórma de aluguel, apenas o juro do capital empregado no edificio.

Sendo o plano da nova empreza do Dr. Manuel Buarque de Macedo, os vapores do Lloyd, que partirão de New-York e Buenos Aires com passageiros, que vêm assistir a exposição nacional e os festejos ao rei D. Carlos, encontrarão um estabelecimento de primeira ordem para alojarem-se.

A realisação deste empreendimento, porém, está dependendo de alguns favores dos poderes publicos, embora pequenos, pois, sem elles talvez não seja possivel obter-se os capitales necessarios para a installação de um hotel de 1.º ordem, com todo conforto e luxo, como os que são encontrados em todos os paizes da Europa e da America.

Ilustração 32 - *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/09/1907

Numa crônica escrita para a *Gazeta da Tarde*, em 1911, Lima Barreto comenta a demolição do Convento de Nossa Senhora da Conceição, mais conhecido como Convento da Ajuda, inaugurado em 1750. Após anos, o convento se tornou impróprio diante das exigências urbanísticas do Rio de Janeiro e foi demolido em 1911 para dar lugar a um Hotel de luxo, que nunca foi construído. Diante da ameaça da demolição, o cronista se manifestou:

Eu sorri de tão santa crença, porque, se o convento da Ajuda não é tão bonito como o Teatro Municipal, tanto um como outro não são belos. A beleza não se realizou em nenhum dos tais edifícios daquele funil elegante: e se deixo o Teatro Municipal, e olho o Club Militar, a monstruosa Biblioteca, a Escola de Belas-Artes, penso de mim para mim que eles são bonitos de fato, mas um bonito de nosso tempo, como o convento o foi dos meados do nosso século XVIII. Naquele tempo (...) quando ele ficou mais ou menos pronto, se já houvesse jornais, certamente eles falariam no lindo e importante edifício com que ficou dotada a leal e heróica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Falariam com o mesmo entusiasmo com que nós falamos ao se inaugurar o teatro do doutor Passinhos. Decorreram cento e cinqüenta anos e nós ficamos aborrecidos com o tal lindo edifício. O bonito envelhece, e bem depressa; e eu creio que, daqui a cem anos, os estetas urbanos reclamarão a demolição do Teatro Municipal com o mesmo afã com que os meus contemporâneos reclamaram a do convento.

*(...) Estavam convencidos de sua fealdade, da necessidade do seu desaparecimento, para que o Rio se aproximasse mais de Buenos Aires. A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então o casarão deve ir abaixo. Se ao menos, fossemos levantar ali um Louvre, um palácio de Doges, alguma coisa de belo e grandioso arquitetonicamente, era de justificar todo esse encantamento que vai pelas almas dos estetas; mas, para substituí-lo por um hediondo edifício americano, enorme, pretensioso e pífio, o embelezamento da cidade não será grande e a satisfação dos nossos olhos não há de ser de natureza altamente artística.*³²⁶

Mais uma vez, o cronista deixou clara a sua oposição ao desejo de sintonia tanto com Buenos Aires quanto com Nova York. O Convento da Ajuda era, até 1911, o único prédio do período colonial que resistira às demolições feitas na Avenida Central. No *funil elegante*, via-se o prédio do Convento da Ajuda em completa desarmonia com as outras edificações. Ao que parece, o motivo da sua permanência foi o elevado preço exigido para sua desapropriação, o que fez Pereira Passos e Frontin recuarem.³²⁷ Observe-se a foto de João Martins Torres, feita em 1905: o convento aparece intacto, em meio aos entulhos dos outros imóveis que ruíram sob os golpes das picaretas.

³²⁶ BARRETO, Lima. *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 21/07/1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional.

³²⁷ Idem.

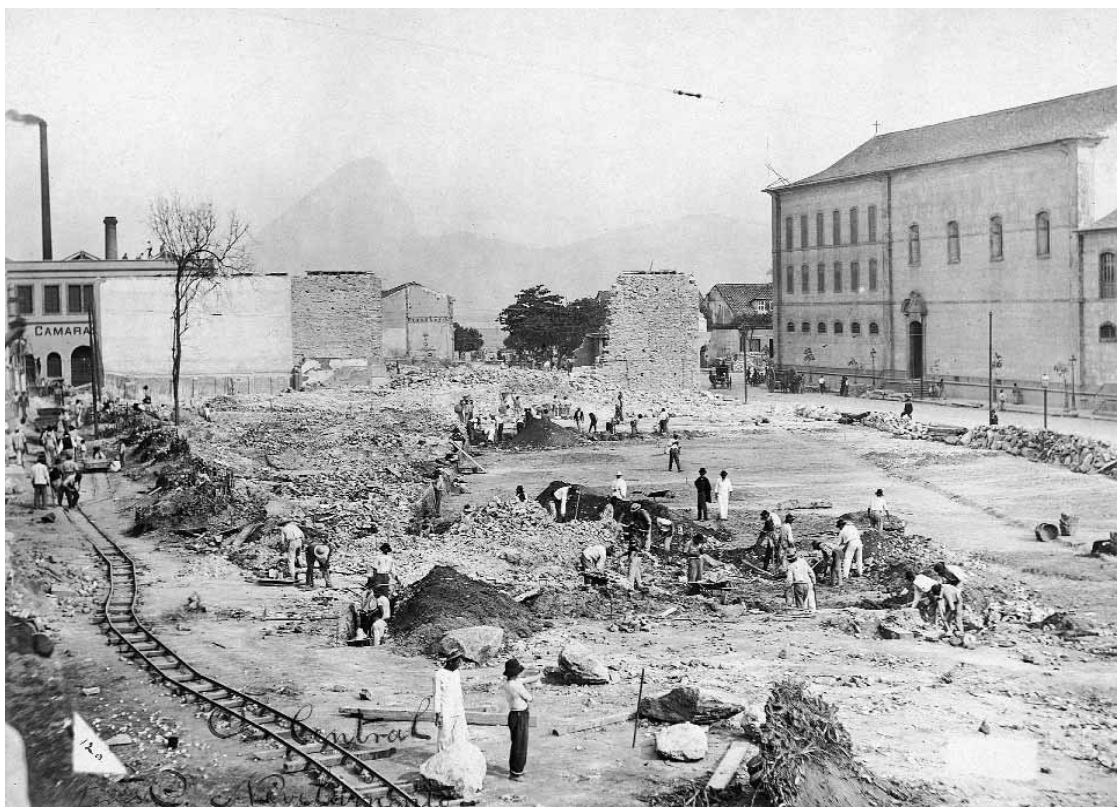


Ilustração 33 - Convento da Ajuda, 1905. Fotografia de João Martins Torres.

Lima Barreto explicou o motivo da sua desconfiança em relação ao desejo de acompanhar a esteira do progresso e da modernidade. Para ele, por mais que se corresse, jamais se alcançaria a plena satisfação ao alvo desejado, pois o que era belo e sofisticado, logo deixaria de ser. Para Lima Barreto, o moderno se renova constantemente na esteira do progresso, tudo é provisório. O progresso é a tentativa de inscrever o futuro no presente, é a busca obsessiva em se atualizar com o amanhã, ainda que o amanhã não fosse o que se está vivendo hoje. É como se o Rio de Janeiro estivesse em uma corrida sem ponto de chegada. A demolição do Convento Ajuda representava a insaciável ambição em se atualizar com os paradigmas do progresso. O convento, que havia sido aclamado no século XVIII, foi condenado aproximadamente 150 anos depois; Lima Barreto, como uma espécie de profeta, anunciou que após algumas décadas as edificações louvadas pelas reformas perderiam o encanto e seriam demolidas, assim como aconteceu com o Convento da Ajuda.

Segundo Renato Cordeiro Gomes, a reformulação urbana é mais que demolição e construção de edifícios, é também desconstrução e construção de símbolos e significados.

*As transformações não devem ser vistas apenas enquanto empreendimento, mas pelo viés da comunicação simbólica. Indicam como o Brasil pode demonstrar ao mundo o inaugurar da modernidade nesta cidade dos trópicos. Tenta-se apagar a tradição da cidade colonial, para erguer uma cosmópolis que, ao fim, não passa de uma subcosmópolis (...). Transforma-se a cidade numa floresta de símbolos, para que possa ser lida como moderna. Na linha evolutiva do progresso, a cidade será submetida a uma demolição permanente, que apaga o que vai se tornando velho na busca do sempre novo. Os novos significados estão sempre brotando e caindo das árvores construídas.*³²⁸

Nesse sentido, Lima Barreto se aproxima das considerações de Renato Cordeiro Gomes, quando afirma que *o bonito envelhece, e bem depressa*. Até mesmo Olavo Bilac parecia ter certa desconfiança em relação ao progresso. Ele escreveu uma crônica falando da transformação da cidade: quando era a *cidade velha* ao receber visitas ela se enfeitava para minimizar a vergonha diante dos visitantes, mas que após as reformas ela se tornou uma mulher moça e formosa que não necessitava de ornamentação, com essas observações o cronista não afirma, mas sugere o possível envelhecimento dessa moça. Na seqüência dessa mesma crônica ele analisa o progresso na perspectiva da evolução dos meios de transporte da *cadeirinha* carregada pelos escravos até os veículos aéreos.

O progresso, porém, é como o apetite, que “vient en mangeant”. Já não nos contentamos com os automóveis, que por mais depressa que andem, precisam fazer várias voltas, dobrar esquinas, ladear jardins, - e evitar os peões... quando não preferem passar por cima deles, reduzindo-os a papas. Já não nos contentamos com os automóveis, - e queremos balões que nos transportem pelos ares, num vôo vertiginoso, devorando milhas celestes. Jesus! Isso será talvez progresso demais! Não vamos nós progredir tanto, em matéria de viação, que venhamos a ter saudade do tempo das cadeirinhas e das gôndolas. Antigamente com as gôndolas e as cadeirinhas o viajante andava devagar, mas sempre tinha a certeza de chegar ao seu destino; e é o que, felizmente, ainda acontece, algumas vezes, a quem viaja em automóvel. Mas, se formos progressivamente aumentando a velocidade dos veículos, chegaremos talvez a resultados inesperados e fantásticos; a dificuldade já não consistirá no partir, nem no correr, mas no parar (...). será uma perturbação de todas as leis materiais, imateriais, naturais, sobrenaturais, humanas e divinas, - e não sei o que será de nós, com essa pavorosa inversão das regras físicas e morais!
Não! O progresso é uma grande cousa, mas é preciso que não transforme em loucura. O progresso que hoje temos já é admirável e

³²⁸ GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. pág. 114.

*consolador. Nada de precipitações!*³²⁹

O progresso é entendido como um “buraco sem fundo”, como uma ambição insaciável; ainda assim ele não renunciava à adesão da sociedade à evolução progressista, mas chamava a atenção para que se buscasse o progresso sem exageros, sem excessos, não ultrapassando os limites da ordem e não provocando a própria destruição. Sobre o progresso enlouquecidamente buscado, Bilac comenta, em outra crônica, sobre os Estados Unidos com seus hotéis gigantescos, belos, porém propícios a acidentes catastróficos. O cronista sugere um meio termo razoável, entre os *yankees* megalômanos e os *bugres ingênuos*.³³⁰ A defesa que fazia em suas crônicas era por um progresso ordenado, baseado no lema republicano de ordem e progresso. No entanto, podemos notar no conjunto de suas crônicas que sua defesa por um avanço comedido rumo à noção liberal de progresso é menos acentuada do que sua intenção de demonstrar a capacidade humana de progredir, a rápida velocidade do progresso do Rio de Janeiro, e o quanto o Brasil progrediu e ainda poderia progredir material, moral e tecnologicamente.

A idéia de sintonia está expressa também numa outra perspectiva para além da reformulação urbana: a criação de um herói responsável pelo desenvolvimento e progresso da sociedade. Cria-se a imagem de um homem destemido que, com sua coragem e ousadia, transforma o sonho da humanidade em realidade. É assim que Francisco Pereira Passos aparece nas crônicas bilaquianas. Numa crônica publicada na *Gazeta de notícias*, o cronista compara os reformadores ao D. Quixote da epopéia de Cervantes:

Sancho Pança é apenas o Bom Senso. E se o Bom Senso sempre houvesse governado o mundo, a humanidade ainda estaria hoje tão adiantada como no tempo dos merovíngios. O bom senso é a prudência, a cautela, a paciência; mas é também a casmurrice, o amor do preconceito, o ódio do progresso. D. Quixote é o Ideal. Se ele não tivesse, de quando em quando, metido a reformador, não haveria a estrada de ferro, a lâmpada elétrica, o telégrafo, a máquina a vapor; não haveria a Divina Comédia, os dramas de Shakespeare, a Legenda dos séculos. O ideal pode ser, às vezes, a precipitação, a imprudência, a loucura: mas é sempre o progresso, a invenção, a

³²⁹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29/07/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³³⁰ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 26/04/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

*beleza, a iniciativa, o desejo de perfeição. D. Quixote foi o Barão de Haussman que reformou Paris; D. Quixote foi o Marquês de Pombal que das cinzas de uma Lisboa medonha arrancou uma Lisboa airosa; D. Quixote foi o grande Alvear que criou Buenos Aires! D. Quixote foi o espírito Yanke que em menos de um século encheu de cidades maravilhosas todo o território dos Estados Unidos. Mais vale ser D. Quixote, e morrer apedrejado, empalado, queimado vivo, enforcado e estraçalhado por ter amado a limpeza e a beleza, do que ser Sancho Pança, e morrer de velhice por ter respeitado o preconceito e por ter amado o atraso.*³³¹

Como podemos notar, o prefeito Pereira Passos aparece como um mito. Como o desbravador determinado que, mesmo diante das críticas e oposições, luta para alcançar sua meta de modernizar a cidade. O prefeito nomeado por Rodrigues Alves é colocado no mesmo patamar que outros reformadores, todos representando soluções para os seus respectivos países. As qualidades, dificuldades, atitudes de Pereira Passos são tomadas por Olavo Bilac sempre em relação a Torquato Alvear, Rosa de Araújo, Haussmann, Antonio Prado; como se isso fosse capaz de legitimar todas as suas ações ou justificar a descrença que muitos tinham no início e durante a reforma.³³² Tal relação era como dizer que todos os grandes enfrentaram os mesmos obstáculos e venceram, assim como Pereira Passos venceria. O cronista não faz alusão a nenhuma espécie de hierarquia entre eles, pelo contrário, apresenta-os numa condição de igualdade e semelhanças, cada um agindo a sua maneira em seu contexto, mas todos em sintonia, querendo colocar seu país em sintonia com os paradigmas do progresso.

Enfim, Lima Barreto e Olavo Bilac não viveram o Rio de Janeiro da mesma maneira; suas concepções ora se combinavam, mas quase sempre divergiam; como homens de letras, e ao mesmo tempo homens sanduíches, criaram e venderam imagens diferenciadas sobre a cidade carioca. Lima Barreto com uma visão mais apocalíptica, e Olavo Bilac com uma perspectiva mais integrada, porém ambos buscavam a adesão apelando para a emoção, pela emotividade, no intuito de atrair leitores à suas formas de pensar e viver o espaço urbano.

³³¹ BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 04/01/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³³² BILAC, Olavo. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13/12/1903 – 08/06/1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Ao vencedor, as batatas!*³³³

Lima Barreto

Mais uma vez, sentamo-nos à frente do computador, dos livros e jornais, para escrever o que deveria ser as considerações finais deste trabalho. Assim como os cronistas, precisamos escrever, tendo ou não tendo assunto, precisamos tirar de algum lugar esse último suspiro. Assim como eles, também temos um prazo estabelecido para entregar nosso texto, custe o que custar, tenha ou não tenha “inspiração”. Não estamos em busca de recompensa financeira, não diretamente, não estamos em busca de recompensa simbólica, não diretamente, estamos em busca de conhecimento. Como não é possível banir da dissertação as considerações finais. Cá estamos nós, escrevendo-as mesmo sem tê-las, na verdade temos uma apenas, a certeza de que este trabalho concluiu-se, se é que é possível concluí-lo, com uma infinidade de interrogações, talvez sejam elas as nossas considerações finais, que mais parecem considerações iniciais.

Se fosse possível, transformaríamos esse espaço final na introdução do trabalho. Se tivéssemos o talento de Olavo Bilac ou a ousadia e intrepidez de Lima Barreto, transforma-lo-íamos em uma crônica. Mas como não somos capazes de fazer nem uma coisa nem outra, fazemos o que está a nosso alcance.

O período de perseguição aos cronistas foi árduo e revelador, instigante. Foram meses de diálogo com os mortos, que ainda vivem nos jornais, revistas e livros, através de suas crônicas. Colocá-los frente a frente, um século depois, foi um desafio, que proporcionou vantajosas recompensas como pensar as diversas possibilidades do gênero crônica, do ofício de cronista e da cidade do Rio de Janeiro. E nas mais numerosas combinações e relações entre eles. Tentamos seguir a recomendação de Lima Barreto: *o que é preciso, portanto, é que cada qual respeite a opinião de qualquer, para que desse choque surja o esclarecimento do nosso destino, para própria felicidade da espécie humana.*³³⁴ Obviamente que o confronto de opiniões que sugerimos não esclareceu o

³³³ BARRETO, Lima. A.B.C.. Rio de Janeiro, 19/10/1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional.

³³⁴ Idem.

destino para a felicidade da espécie humana, mas trouxe à tona as transformações no campo literário e suas ligações com o jornalismo, relacionadas às intensas mudanças no país, que no Rio de Janeiro se materializaram em debates, reformas no espaço urbano, nos hábitos e costumes. Este trabalho clarificou o papel da crônica no âmago dessas questões como um instrumento que percebeu os debates e acompanhou de perto a tentativa de colocar o Rio de Janeiro em sintonia com os paradigmas de progresso no início do século XX.

A crônica apareceu como um gênero aparentemente livre de normas e padrões, como literatura cotidiana da atualidade em que foi produzida, como comentário do dia-a-dia. Os cronistas reinventaram a cidade carioca via crônica; ao mesmo tempo em que participaram de sua história, eles também narraram o cotidiano, a principal fonte para seus textos, a rua alimentou seus temas. Conforme elucida o cronista Moacir Scliar, a criação literária é também criação social³³⁵. Lima Barreto e Olavo Bilac criaram seus textos a partir das coisas que viveram. Ocuparam-se desse gênero complexo, procurando retirar do cotidiano, ou do próprio discurso produzido nos jornais, elementos necessários ao exercício do ofício. Na elaboração de uma crônica, os cronistas fizeram uma série de escolhas, selecionando aspectos e eventos em detrimento de outros à medida de sua subjetividade, de maneira que a cidade imaginada, pensada e proposta por eles é diferente.

Tanto Olavo Bilac como Lima Barreto escreveram crônicas com qualidade, capazes de atrair, inquietar, convencer, com o intuito de expor em palavras os anseios, expectativas e necessidades dos seus leitores. Ambos tinham uma evidente paixão pelo jornalismo e viveram a profissão das letras com uma dedicação sacrificial diária para superar as limitações impostas pelo ofício. A rapidez, proposta que Ítalo Calvino recomendou para este milênio, já era de algum modo praticado por Olavo Bilac e Lima Barreto no início do século XX, a rapidez de estilo e de pensamento, a densidade de conteúdo, agilidade, mobilidade e desenvoltura são visíveis na maioria dos textos dos escritores. Tratava-se de uma exigência, um pré-requisito para qualquer intelectual que pretendesse se dedicar ao jornalismo, como meio de ganhar a vida. A rapidez que pressupõe o texto que flui com a concatenação perfeita das idéias e histórias, encadeadas de forma concisa e precisa, é um trabalho árduo, no entanto mais fácil de ser feito no texto curto como a crônica. Utilizando a metáfora do cavalo, apropriada por

³³⁵ SCLIAR, Moacir. *O texto ou a vida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Calvino para expor a narrativa nos parâmetros da rapidez, podemos dizer que os cronistas do início do século XX, em especial Bilac e Barreto, esforçavam-se na produção das crônicas para que a leitura delas fosse como viajar num cavalo bom de galope.³³⁶ Nessa viagem que fizemos, foi difícil não se seduzir pelos comentários e pontos de vista dos cronistas, foi necessário esforço contínuo para superar o olhar superficial de turista, para que predominasse o de investigador.

Enfim, a crônica em seus diferentes suportes, seja no efêmero jornal ou no livro como guardião da memória, nas suas temporalidades possíveis, no seu uso como fonte e/ou objeto de estudo na produção do conhecimento histórico e na sua identificação como gênero híbrido, misto de jornalismo e literatura, trata-se de um texto tão complexo e importante quanto outros gêneros literários; a especificidade do gênero contribui com uma dicção diferenciada em relação às outras seções do jornal, orientando nosso percurso a tornar inteligível fragmentos da cidade carioca, que surgiu do encontro entre as opiniões de dois escritores apaixonados por ela, com imaginários antagônicos sobre o Rio de Janeiro.

Cruzar as opiniões de Olavo Bilac e Lima Barreto foi como observar a cidade do Rio de Janeiro pela fresta da fechadura, embora a visão seja limitada, ela permite ter uma noção interessante e curiosa dos fatos: sobre os avanços tecnológicos, a imagem sedutora de cidade moderna, a fachada urbana que tentou introjetar um novo ritmo de vida urbana, a modernização da imprensa e o debate da crônica sobre si e sobre a cidade.

Esta pesquisa nos fez concordar ainda mais com Paul Veyne na sua definição de História, que ao mesmo tempo nos conforta e desafia. Com as palavras dele encerramos esse texto:

*A história é um palácio do qual não descobriremos toda a extensão (não sabemos quanto nos resta de não factual a historicizar) e do qual não podemos ver todas as alas ao mesmo tempo; assim não nos aborrecemos nunca nesse palácio em que estamos encerrados. Um espírito absoluto, que conhecesse seu geometral e que não tivesse nada mais para descobrir ou para descrever, se aborreceria nesse lugar. Esse palácio é, para nós, um verdadeiro labirinto; a ciência dá-nos fórmulas bem construídas que nos permitem encontrar saídas, mas que não nos fornecem a planta do prédio.*³³⁷

³³⁶ CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

³³⁷ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995. pág. 210.

BIBLIOGRAFIA

ANSART, Pierre. Mal estar ou fim dos amores políticos?. In: *História e Perspectiva*, n.25/26, Jul.2001/Jun.2002, pp.55-80.

ARÓSTEGUI, Julio. O objeto teórico da historiografia. In: *A Pesquisa Histórica: teoria e método*. Bauru: EDUSC, 2006, p. 308.

BAEZ, Fernando. *História universal da destruição dos livros*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: IBRASA, 1972.

BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. (org.). *Lima Barreto: Correspondência ativa e passiva (1º tomo)*. São Paulo: editora brasiliense, 1956.

_____. (org.). *Lima Barreto: Obras Completas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923.

_____. *Feiras e Mafuás*. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1953.

_____. *Marginalia*. Rio de Janeiro: Editora Mérito, 1953.

_____. *Recordações do escrívão Isaías caminha*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 201.

_____. *Um longo sonho do futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1993.

BARROS, Paulo Cezar. Onde nasceu a cidade do Rio de Janeiro? Um pouco da história do Morro do Castelo. In: *Revista geo-paisagem*. Vol. 1, número 2, Julho/Dezembro de 2002. ISSN N°1677-650X

BAUMAN, Zygmund. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BENDER, F.; LAURITO, I. *A crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.

BENJAMIM, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

- BILAC, Olavo. *Crítica e fantasia*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1904.
- _____. *Crônicas e novelas*. Rio de Janeiro: Cunha e Irmão, 1894.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand/DIFEL, 1989.
- BRESCIANI, Maria Stella. O poder de sedução dos textos: o assédio pelas imagens e representações. In: SEIXAS, Jacy & BRESCIANE, Maria Stella (org.). *Assédio moral: desafios, considerações sociais, incertezas jurídicas*. Uberlândia: EDUFU, 2006. pp. 157-184.
- BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao Rés-do-chão. In: *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1980.
- _____. al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP, Ed. Unicamp/Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CAPELATO, Maria Helena R. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- CARONE, Edgar. *A república velha: Instituições e classes sociais*. São Paulo: Difel, 1970.
- CHALHUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand; Lisboa: Difel, 1990.
- CONY, Carlos Heitor. A crônica como gênero e como antijornalismo. In. *Folha de S. Paulo*. 16/10/1998, p.07.
- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos 1904-1909*. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Bilac, o jornalista: ensaios. São Paulo: Edusp / Unicamp / Imprensa Oficial do estado de São Paulo.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em Nome do Rei – Uma História Fundiária da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Avenida Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LOPES, Myriam Bahia. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920*. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2000.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____; MARTINS, Ana Luiza (organizadoras). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Lima Barreto: um pensador social na segunda república*. Goiânia: Ed. Da UFG; São Paulo: Edusp, 2002.

MAGALHÃES Jr, Raimundo. *Olavo Bilac e sua época*. Rio de Janeiro: ed. Americana, 1974.

MAGALHÃES, José Sueli de.; RIBEIRO, Ivan Marcos.; CUNHA, Jakeline Fernandes. *Literatura e intersecções culturais*. Uberlândia : EDUFU, 2008. (Coletânea de trabalhos apresentados no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, realizado em Uberlândia de 22 a 24 de novembro de 2006. CD-ROM ISBN 978-85-7078-199-4)

MALERBA, Jurandir. Teoria e história da historiografia. In: *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.

MANGUEL, Alberto. Leituras proibidas. In: *Uma História da Leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Sylvia Jorge de A. *A cônica brasileira*. São José do Rio Preto: Ibilce/Unesp, 1980.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do império*. Rio de Janeiro: Editora FGV: Editora Edur, 2007.

MENESES, Raimundo de. *Bastos Tigre e La Belle Époque*. São Paulo: Edart, 1966.

MICELLI, Sergio. *Poder, sexo e letras na República Velha*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

MORADIELLOS, Enrique. *El oficio de historiador*. Madrid: Siglo XXI, 2005.

MOTA, Maria Aparecida Rezende. *Sílvio Romero: Dilemas e combates no Brasil da virada do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

NEEDELL, Jeffrey d. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NONATO, José Antonio e SANTOS, Nubia Melhem. *Era uma Vez o Morro do Castelo*. Rio de Janeiro, IPHAN, 2000.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. PUC-SP. São Paulo: n.10, p. 7-28, dezembro de 1993.

NEVES, M. S. “História da crônica. Crônica da História”. In: RESENDE, B. (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCB, 1995.

PEREIRA, Wellington. *Crônica: arte do útil ou do fútil?* Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso. João Pessoa: Idéia, 1994.

RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Ricardo. *Do reclame a comunicação*. São Paulo: Atual, 1985.

REIS, José Carlos. *A História: entre a filosofia e a ciência*. São Paulo: Ática, 1996.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/ Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIO, João do (org.). *Momento Literário*. Rio de Janeiro: Editora Criar, 2006.

SÁ, Jorge. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Regma Maria dos. *Memórias de um plumitivo: impressões cotidianas e história nas crônicas de Lycidio Paes*. Uberlândia: Aspectus, 2005.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCLIAR, Moacir. *O texto ou a vida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. Rio de Janeiro: Atica, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª edição,. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 1999.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VOVELLE, Michel. *Ideologia e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FONTES

LIVROS DE CRÔNICAS

RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda Crônica: Volume I (1890-1919)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.;

_____; VALENÇA, Rachel (orgs.). *Lima Barreto: Toda crônica: Volume II (1919-1922)*. Rio de Janeiro, Agir, 2004.

DIMAS, Antonio (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 1*. São Paulo: Ed. Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial, 2006.

_____. (org.). *Bilac, o jornalista: crônicas: volume 2*. São Paulo: Edusp, Unicamp, Imprensa Oficial. 2006, p. 227.

_____. (org.). *Vossa insolência*: São Paulo: Cia das letras, 1996. (Coleção “Raízes do Brasil”, vol.6).

JORNAIS E REVISTAS

A.B.C.. Rio de Janeiro, 1916. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

A Lanterna. Rio de Janeiro, 11/1902. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Almanak do Tagarela. Rio de Janeiro, 07/1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Careta. Rio de Janeiro. 1915 – 1922, Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 04/1905 – 06/1906. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Correio da Noite. Rio de Janeiro, 14/12/1914 – 13/03/1915. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Correio Paulistano. São Paulo, 10/09/1907 – 18/06/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Diabo. Rio de Janeiro, 1903. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Fon – Fon. Rio de Janeiro, 04/1907 -12/1907. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, 07/01/1900 – 25/10/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Gazeta da Tarde. Rio de Janeiro, 1911. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional

Jornal da Exposição. Rio de Janeiro, 09/1908 – 11/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Kosmos. Rio de Janeiro, 03/1904 – 05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Quinzena Alegre. Rio de Janeiro, 1903. Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional

Revista da Época. Rio de Janeiro, 10/1903 – 1904. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Revista Floreal. Rio de Janeiro, 1907 – 05/1908. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

Revista Contemporânea. Rio de Janeiro, 1918. Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional

ACERVO PESQUISADO

Acervo Periódicos - Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Acervo Periódicos Raros - Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.